

UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Escola das Artes
Departamento de arquitectura

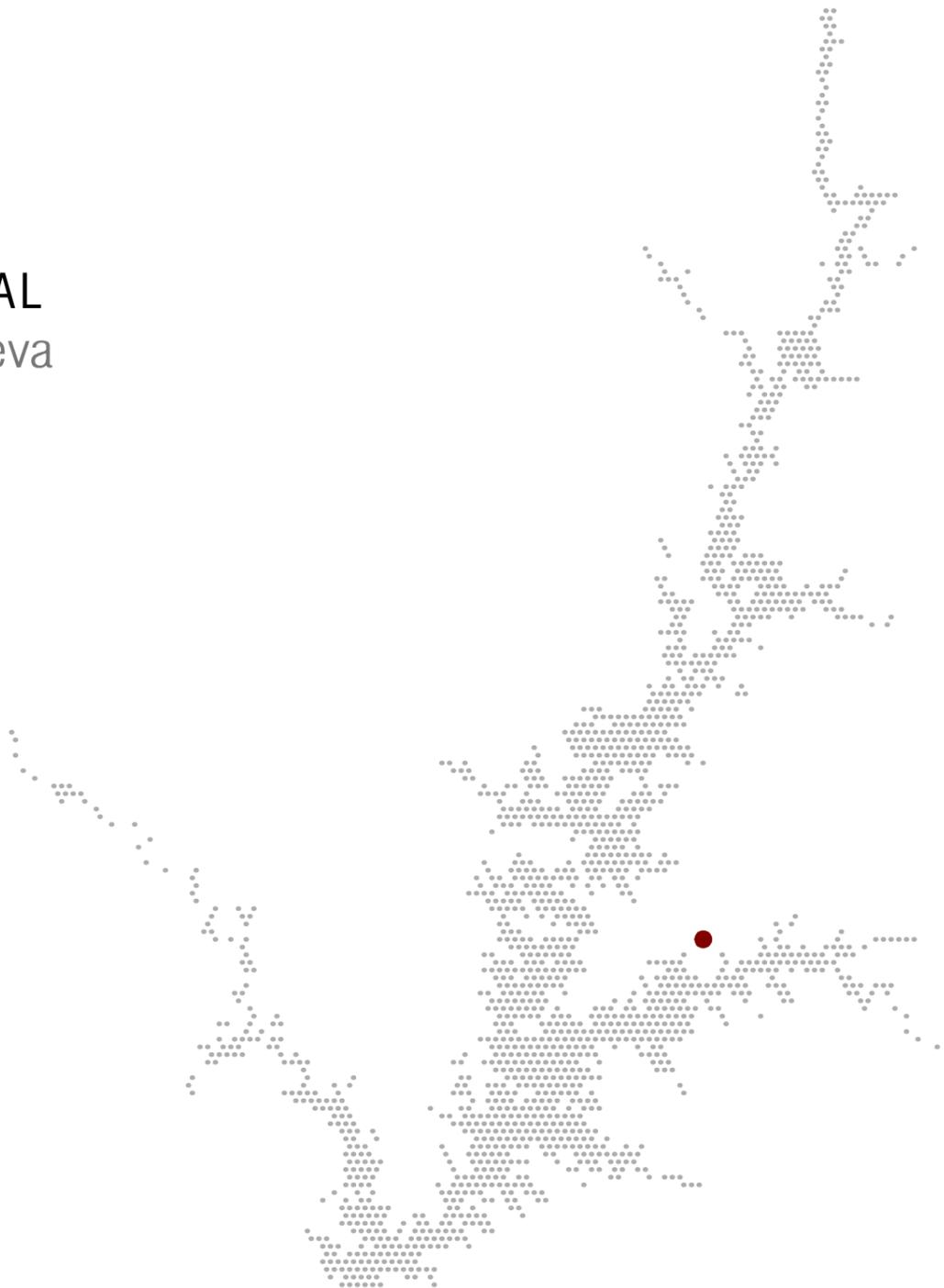
A ARQUITECTURA DO OLIVAL

Monte do Benjoim em Alqueva

João Miguel Silva Martins nº22696

Orientador: Professor Arquitecto Altino João Serra de Magalhães Rocha

Co-orientador: Professora Arquitecta Paisagista Maria da Conceição Marques Freire



UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Escola das Artes
Departamento de arquitectura

A ARQUITECTURA DO OLIVAL Monte do Benjoim em Alqueva

João Miguel Silva Martins nº22696

Orientador: Professor Arquitecto Altino João Serra de Magalhães Rocha
Co-orientador: Professora Arquitecta Paisagista Maria da Conceição Marques Freire

Júri:
Professor Jorge Sá
Professora Sofia Salema
Professor Altino João Rocha

AGRADECIMENTOS

À família, em especial aos pais e irmão.

Aos orientadores.

Aos amigos.

ÍNDICE

00	_ Resumo . Abstract	03	02	_ Herdade da Cerejeira e Benjoim	39
	_ Introdução	06		_ O lugar	41
	_ Metodologia e Estratégia	08		_ Pre-existencias	45
	_ Estado da Arte	08		_ Um projecto que se inscreve na paisagem	
01	_ Paisagem em transformação	09		_ Estratégia . Programa	51
	_ Paisagem	11		_ Implantação	53
	_ Paisagem (Des)Costruida	13		_ Materialidade	57
				_ O monte do benjoim . um espaço de memória	59
	_ Alqueva . uma nova realidade			_ Axonometria	62
	_ O lago	17		_ Desenhos gerais	63
	_ Paisagem como Tema	21		_ O lagar - uma construção na paisagem	69
	_ O Olival . o contexto do Alqueva	23		_ Axonometria	72
				_ Desenhos gerais	73
	_ Architecturas de olival	29		_ Detalhes construtivos	81
	_ Caso de estudo	31		_ Da matéria à construção . a pele do edificio	87
				_ Atmosferas . relação interior exterior	101
				_ O ancoradouro	105
			03	_ CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
			04	_ INDÍCE DE IMAGENS	112
			05	_ BIBLIOGRAFIA	113

RESUMO

Este trabalho assenta numa leitura sobre o processo de transformação da paisagem do Alentejo Central, com a construção da barragem do Alqueva, e como esta afectou a paisagem rural, em especial o que se relaciona com a cultura do olival.

Através deste estudo pretende-se compreender o que são as arquitecturas associadas à cultura de olival. A casa rural como modelo de exploração agrícola, com uma continuidade histórica desde os romanos e as villas passando pelas alcarias (pequenos povoados rurais que se encontravam nas imediações dos aglomerados urbanos), até às herdades contemporâneas, e o lagar, por vezes associado ao monte como parte integrante da unidade, que de uma escala de produção local evolui para uma escala de produção nacional ou até internacional.

Após uma reflexão sobre este tema pretende-se criar uma base teórica que fundamente um exercício de projecto, que responda correctamente à transformação que este território está a sofrer e aos avanços tecnológicos nesta cultura, de forma a reabilitar um antigo monte desenvolvendo um programa de produção e monitorização do olival no mesmo, e ainda criar um novo lagar que dá resposta ao olival da herdade e a novos olivais que surjam nas áreas envolventes.

ABSTRACT . The architecture of olive culture . Benjoim`s house in Alqueva

This study presents a lecture about the transformation process of Central Alentejo landscape, with the construction of the Alqueva dam, and how it has affected the rural landscape, especially, what is related to the olive grove culture.

This study aims to understand what are the architectures associated with the olive grove culture. The rural home as an agricultural exploration model, with a historical continuity since the Romans, the Villas and the Alcarias (small rural villages that were in the vicinity of urban areas), passing through to the contemporary farms and the press, sometimes associated with the "Monte" as part of the whole, which has developed from a local production scale into a national or even international production scale.

After reflecting on this issue, it is intended to create a theoretical basis to justify a project exercise, which responds correctly to the transformations that this territory is suffering and to the technological advances in this culture, in order to rehabilitate an old farm-house, in witch will be developed a production and monitoring program of the olive grove, and also a new press that has the capacity to respond to the olive groves in this homestead and the future cultures arising in the surrounding areas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objecto de estudo as arquitecturas de apoio à cultura do olival, como estas se implantam e se materializam, em particular num território ímpar como o Alentejo Central, símbolo de uma cultura de raízes rurais e marca de uma paisagem que se estende pelos horizontes amplos destas planícies.

Numa leitura sobre a paisagem alentejana compreende-se como esta é resultado da construção que o Homem operou ao longo do tempo, uma transformação contínua, onde os aspectos culturais dão lugar a interesses económicos.

A construção da barragem do Alqueva veio alterar a forma como esta paisagem é vivida, o que outrora era um vale encaixado onde corria a linha de água do Guadiana hoje é uma extensão de água a perder de vista.

A presença da água no Alentejo anuncia um presente e um futuro para a produção agrícola, mas em simultâneo, levanta a questão sobre a real dimensão do impacto ambiental que esta transformação irá provocar.

Actualmente, numa altura de grande expansão do olival, grandes parcelas de terrenos foram adquiridas para se implantar a cultura de olival, devido à introdução de novas condições de produção, principalmente com a implantação do regadio e com a exploração das plantações em modo intensivo e super-intensivo.

É fundamental criar áreas de apoio e monitorização a esta cultura, acrescentando valor à exploração dos olivais tradicionais, de forma a assegurar a sua viabilidade económica, sustentável do ponto de vista ambiental e promotora de interacção social e cultural, limitando as culturas intensivas que causam o esgotamento dos solos.

O exercício de projecto proposto localiza-se na Herdade da Cerejeira e Benjoim, no concelho de Mourão. Num ponto de intersecção entre os percursos de ligação de Mourão, Aldeia da Luz e Aldeia da Estrela, este local destaca-se pelo seu património arquitectónico e paisagístico diversificado. Do conjunto da herdade observa-se que as diferentes culturas criam uma matriz distinta com diferentes texturas que se diluem até à margem do Grande Lago, que se apropriou da terra reduzindo e dando uma nova forma a esta Herdade.

Com a análise do lugar, em especial como a arquitectura, através das diferentes construções faz a gestão deste território e do estudo sobre o que é intervir na paisagem, uma paisagem em mutação, pretende-se criar uma base teórica que permita definir um pensamento arquitectónico, de forma a responder a um programa pertinente deste lugar, onde a memória assume um papel importante na relação entre o Homem e a paisagem.

A intervenção no Monte do Benjoim e a construção do lagar pretende adicionar novas funções, que até a data eram uma necessidade deste lugar, a divulgação e a transformação na cultura do olival.

METODOLOGIA E ESTRUTURA

A escolha do tema do trabalho e o desenvolvimento desta dissertação de projecto teve como ponto de partida o exercício proposto na disciplina de Projecto Avançado III. Este enunciado propunha, numa primeira fase, analisar e catalogar as pré-existências arquitectónicas no território envolvente ao lago do Alqueva, e posteriormente após uma leitura a partir de um território num complexo processo de mutação, responder a um programa onde a premissa principal era reactivar uma unidade produtiva através de uma proposta arquitectónica para uma construção pré-existente.

Este trabalho irá dividir-se em dois momentos, iniciando com uma reflexão sobre o que é construir na paisagem e como a olivicultura se destaca neste território, de forma a criar uma base sólida que permita responder de forma mais fundamentada num segundo momento ao exercício de projecto.

A primeira fase visa compreender a importância da paisagem neste local, analisando a relação do Homem com a Paisagem destacando a transformação que este território está a sofrer com a construção do lago e da barragem, enunciando também como esta contribuiu para o desenvolvimento do olival marca deste território e da nossa cultura.

Na segunda fase, considerando os fundamentos adquiridos com a fase anterior, define-se uma estratégia, que tenta formalizar uma hipótese de projecto arquitectónico, respondendo à problemática de um lugar concreto, a Herdade da Cerejeira e Benjoim, e ao programa relacionado com a produção agrícola que se pretende reactivar.

ESTADO DA ARTE

Para a realização de uma proposta de projecto para a herdade do benjoim, realizou-se uma investigação composta por vários elementos que abordam as diferentes componentes inerentes ao exercício de projecto, da grande escala do território até à pequena escala, a forma como se pode construir o objecto arquitectónico.

Na contextualização do tema da cultura do olival na paisagem, foi feita uma análise multidisciplinar onde autores como Gonçalo Ribeiro Telles, Manuela Raposo Magalhães e Teresa Pinto Correia contribuem para o desenvolvimento de um conceito de paisagem e sua importância no espaço rural. Por sua vez, Marta Pedro, no texto "*Construir Paisagem*" enuncia uma perspectiva arquitectónica, onde a paisagem deve ser encarada com uma ferramenta pelo arquitecto e não como um cenário e as relações entre o lugar e o objecto devem ser valorizadas, fundindo-se dando lugar a "novas paisagens construídas".

Nos textos "*O monte alentejano, uma identidade de raízes ancestrais. Contributos para o seu conhecimento e permanência*" e "*A arquitectura popular alentejana: a civilização barro*" de Victor Mestre, o arquitecto descreve a ocupação e a respectiva transformação do território alentejano do ponto de vista arquitectónico desde a idade da pedra e do ferro até ao século XX, caracterizando as construções ditas rurais, onde o "monte" assume um papel de destaque na arquitectura ligada à terra, numa relação muito forte entre casa e trabalho, onde as formas simples se tornam complexas, se analisarmos estas estruturas em detalhe como se implantam no território.

O Inquerito à Arquitectura Regional Portuguesa, uma iniciativa do Sindicato Nacional dos Arquitectos, na década de 50, constituiu também uma fonte importante na compreensão e caracterização da arquitectura popular, uma arquitectura de sobreposição de ensinamentos de várias gerações.

José de Saldanha em "Arquitectura Habitacional Dispersa no olival do Alentejo Interior" faz uma reflexão sobre a morfologia do monte no olival e as diferentes formas de implantação distinguindo as duas tipologias existentes, a casa pátio e a casa construída em duas bandas. O mesmo autor faz ainda uma leitura sobre a materialização destas casas, enunciando os processos construtivos empregues nestas estruturas.

Entre os casos considerados para a compreensão da morfologia da casa rural, associada à cultura do olival, destacou-se um exemplo contemporâneo na intervenção arquitectónica do conjunto habitacional no olival, a Herdade do Marmelo, com a construção do novo lagar, projecto do arquitecto Ricardo Bak Gordon, importante na forma como se implanta e se relaciona com a pré-existência e com a paisagem.

Considerando a matéria uma forma geradora de espacialidades e atmosferas considerou-se, para o desenvolvimento da proposta do lagar algumas obras de referência dos arquitectos Herzog & de Meuron, Peter Zumthor, entre outros, reconhecidos pelas relações sensoriais do Homem com a arquitectura e o lugar, presentes nos seus projectos.

O desenvolvimento do Estado da Arte acompanha os capítulos que se seguem.

PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO

"Muito raras são as paisagens puramente naturais (...). mas, em todo o lado, é a Natureza, mais ou menos carregada de trabalho humano, que forma o quadro de paisagens."

Orlando Ribeiro



02 . ruina existente na herdade Cerejeira e Benjoim

Paisagem (des)Construída

Como vimos a paisagem é o resultado da relação dinâmica do Homem com o território, ao longo de sucessivos séculos de história, traduz-se nas capacidades de construir e desconstruir um território como meio para atingir um fim.

*“Não como simples cenário, mas como instrumento (ferramenta) desafiante e passível de adquirir novas dimensões, de diluir silhuetas e de redesenhar novas arquitecturas. No limite, também elas agentes construtores de novas paisagens.”*⁶

A forma como a paisagem era interpretada, meramente estético e intocável, tem vindo a ser alterada com o crescente interesse e sensibilidade pela natureza, o que permitiu uma valorização da paisagem do ponto de vista de um tema a explorar por parte dos arquitectos. Uma relação íntima entre paisagem e arquitectura, como explica Marta Pedro *“Uma arquitectura que se forma a partir da paisagem e uma paisagem que é reinventada, construída e transformada em arquitectura, as hibridações”*.⁷

Por vezes as necessidades do Homem levam a criar os “não-lugares”⁸, espaços quase intangíveis, desprovidos de significado, que descaracterizam a paisagem, mas por vezes capazes de gerar uma poética enriquecedora que estabelece relações sensoriais, uma nova atmosfera entre os intervenientes e o espaço. *“Uma arquitectura que procura novas interacções e dinâmicas com a paisagem que, por sua vez se apresenta sob a forma de topografia operativa onde o edificado se funde se suaviza e se infiltra, dando origem a novos solos, novos relevos, num jogo complexo de hibridações.”* (...) *“O solo é manipulado e transformado numa superfície activa, complexa e mutante, de onde emerge o construído.”*⁹

É visível a intenção de valorizar a natureza e introduzir novos conceitos de construir, de forma a relacionar o lugar e a função, a matéria e a arquitectura, *“permitindo que energias e substâncias aparentemente contraditórias se fundam ajustando-se o artificial à corporalidade do território”*.

Pensar este território deve partir de uma ideia de património e de paisagem cultural, de modo a criar novas metodologias e estratégias que passam pela valorização dos ecossistemas, compreendendo a própria essência do lugar para responder às necessidades do Homem, dando lugar a novas paisagens construídas.

“Na medida em que a paisagem exprime as facetas sensoriais dos territórios, (...) a paisagem tem de ser construída como um sistema identitário e nunca poderá ser redutível à materialidade do mundo físico. A paisagem deve ser assumida como um dos elementos centrais do sistema cultural, uma espécie de montagem ordenada de objectos (materiais e imateriais) que actua como um sistema de significados

*através do qual o sistema social é comunicado, reproduzido, experimentado e explorado.”*¹⁰

O Alentejo Central, outrora um território de memória, uma *“extensa planície ondulada onde surgem alguns acidentes que aqui sobressaem devido ao contraste com a horizontalidade dominante - é o caso das pequenas “serras” de Ossa, de Portel, de Monturado ou de Viana. Os vales, no geral, distinguem-se mais pela vegetação ripícola que acompanha as linhas de água do que pela fisiografia, excepção feita aos vales encaixados encaixados do Guadiana e dos seus principais afluentes.”*¹¹

O enchimento da barragem do Alqueva veio trazer uma profunda transformação na paisagem. O antigo vale do Guadiana agora deu lugar a um enorme espelho de água, pontuado por inúmeras ilhas. Pela margem fica a memória de um espaço de continuidade. Foram cortados caminhos e estradas, ligações entre aldeias, montes e cidades, aglomerados urbanos isolados que pontuavam a paisagem, mais isolados ficaram, os Montes situados em pontos sobranceiros no território são agora “penínsulas e ilhas”.

Neste território, o monte é um elemento bastante importante no património rural e cultural e a sua presença está bastante vincada na paisagem, alguns ainda com as suas funções originais, outros que pelas transformações ocorridas tanto a nível do território como a nível técnico deixaram as suas funções e agora estão ao abandono ou em alternativa a agricultura viraram o seu foco para o turismo.

⁶ _ PEDRO, Marta, revista NU, 02, Construir paisagem, p. 04

⁷ _ PEDRO, Marta, revista NU, 02, Construir paisagem, p. 04

⁸ _ AUGÉ, Marc, conceito de Não-Lugares: Um espaço que não se pode definir como identitário, histórico e relacional. Um espaço transitório, desprovido de significado.

⁹ _ PEDRO, Marta, revista NU, 02, Construir paisagem, p. 04

¹⁰ _ ALVES, Teresa, revista Finisterra nº 72 vol. XXXVI Paisagem-Em busca do lugar perdido, p. 74

¹¹ _ CORREIA, Teresa, D` ABREU, A.Cancela, OLIVEIRA, Rosário, Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental, Volume V p. 9



03



04



05

transformação da paisagem . enchimento do alqueva

ALQUEVA . UMA NOVA REALIDADE

"Fisicamente, habitamos um espaço mas sentimentalmente, somos habitados por uma memória."

José Saramago



06 . visita de estudo nova Aldeia da Luz

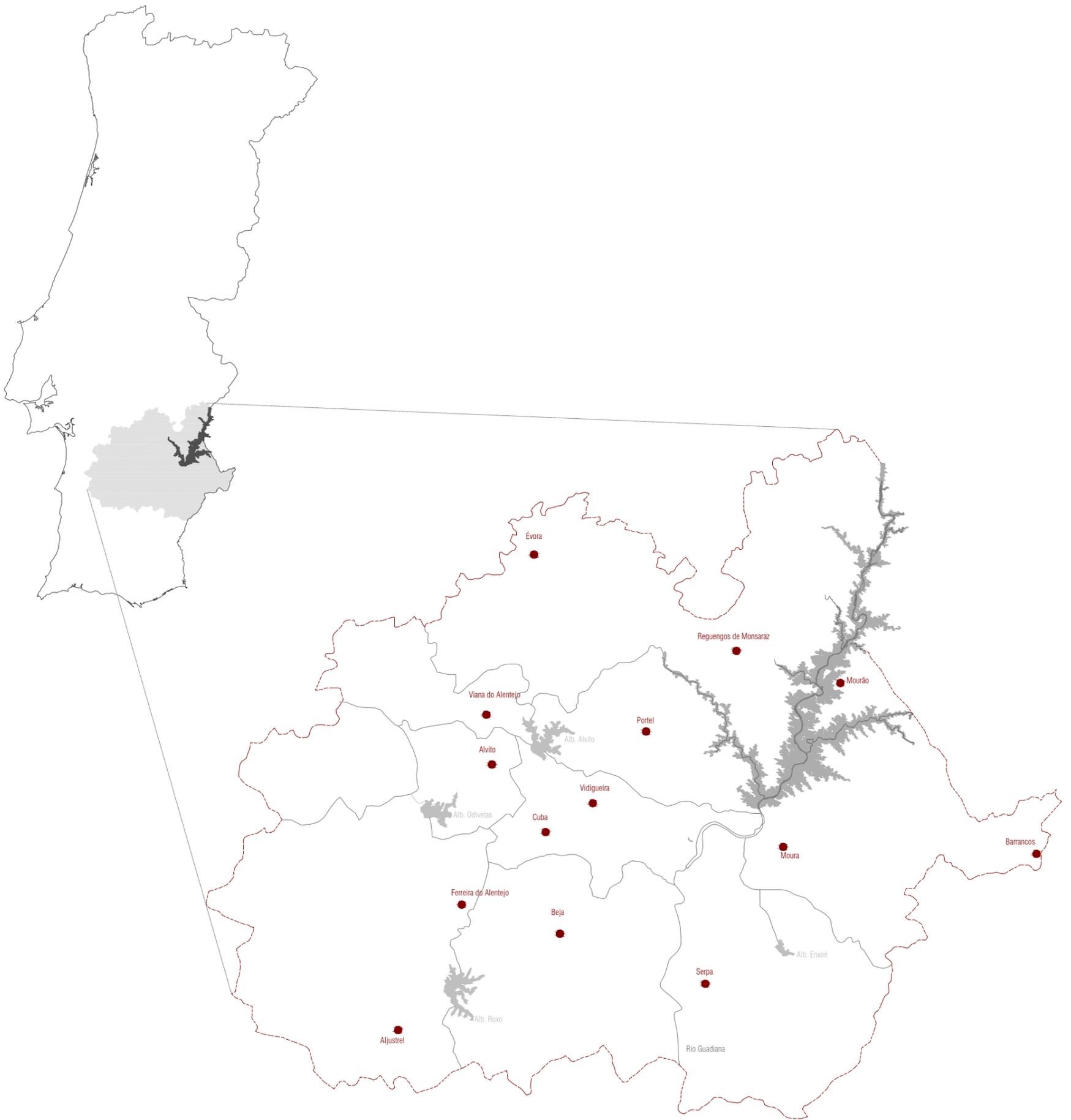
O lago

No grande maciço rochoso da serra de Portel, encontrava-se o ponto de maior resistência, dos longos séculos de erosão provocados pelo rio Guadiana. Desta topografia acidentada nasceu o projecto de uma barragem, denominada Alqueva - por consequência da proximidade com a aldeia de Alqueva.

Os primeiros estudos surgiram na década de 50 do século XX, e a construção desta obra permitia desenvolver um plano de rega para o Alentejo, condição essencial para contrariar a desertificação e abandono dos solos, e o subdesenvolvimento económico da região.

Após anos de avanços e recuos, motivados por factores económicos, as obras do paredão arrancaram em 1998, ficando concluídas em 2002. Com o enchimento do lago cerca de 250 km² ficaram alagados, por isso, foi considerado o maior lago artificial da Europa.

Apesar da grande controvérsia da sua construção, aos objectivos primários - o sistema global de rega e a produção de energia eléctrica - acresce-se a regularização do caudal do rio Guadiana e a potencialização de novos investimentos para este território.







Paisagem como tema

O resultado da interacção de processos naturais e culturais, que variam segundo o contexto espacial e temporal atribuem a cada paisagem, um *genius loci* (do latim referente ao “espírito do lugar”). Um determinado carácter e essência, proposto na arquitectura por Christian Norberg-Schulz, numa abordagem fenomenológica do ambiente e da interacção entre lugar e identidade, que está numa contínua mutação. Orlando Ribeiro destacou o papel da paisagem na identidade do lugar, ao afirmar que a paisagem de hoje correspondendo a um produto do passado, constitui um registo da memória cultural colectiva, traduz a história do povoamento e das formas de aproveitamento para fins produtivos de determinado espaço geográfico.

“A paisagem torna-se um elemento tão poderoso de identificação cultural que, como a língua e a religião - no que ela transporta de código comportamental - entra no pano de fundo do universo onírico (...) E o mais espantoso ainda é que, ainda como a língua e a religião, também a paisagem se actualiza permanentemente”¹².

O território do Alqueva é um exemplo claro da mutação significativa da paisagem ao longo do tempo. Esta alteração leva-nos a reflectir em paralelo no valor e importância deste território como reflexo de um processo secular de ocupação do vale do Guadiana e nos desafios e imaginários vinculados à nova paisagem do grande lago.

Hoje este território não se constitui nem se valoriza apenas pela sua dimensão agrícola e produtiva, mas também de uma ideia de património rural e cultural, onde surgem novas possibilidades de relação entre os núcleos urbanos e os territórios diversificadamente ocupados que os circundam.

A conservação dos sistemas ecológicos e a ideia de desenvolvimento sustentável a nível regional e local, passaram a ser estratégias que vêm dar um novo sentido ao ordenamento do território, bem como gerar novas metodologias de gestão dos recursos naturais. Em arquitectura intervir neste contexto passa por compreender a natureza sistémica do território e pensar a paisagem como tema, de forma a atingir o *genius loci* que resulta da concretização de uma ideia de projecto, o qual se apresenta em perfeita relação e harmonia com as características do lugar, formando uma relação intrínseca do Homem com o lugar.

Na área envolvente ao lago, o “Monte” surge como elemento marcante no território que se evidencia pelas suas formas volumes e cor, num contraste com os tons da terra, sobressaem nos horizontes baixos, associados à produção e exploração de um vasto tecido agrícola, em grande parte desactivados e em ruína, permanecendo intactos na memória das campanhas agrícolas do século passado.

O monte é hoje símbolo de um tempo onde se mantinham relações de equilíbrio funcional, social e cultural entre características naturais do território e as actividades humanas que ali se desenvolviam. Importa sublinhar a importância do monte de forma a pensar como se pode retomar os usos ou reinventar outros usos para esta matriz tipológica, em adequação a novas exigências económicas, sociais e culturais em relação com esta nova realidade.

Interessa compreender como uma intervenção neste contexto de uma unidade de produção agrícola se relaciona com a paisagem e o território, onde o lugar, a matéria e o tempo são a base de um pensamento arquitectónico, que questiona a leitura da paisagem e das pré-existências, de forma a responder a um projecto com a capacidade de transformar positivamente o sistema artificial de ocupação, tirando partido do sistema natural, num gesto sensível ao que existiu, ao que existe e ao que se propõe.

¹² _ CORREIA, Teresa, D` ABREU, A.Cancela, OLIVEIRA, Rosário, revista Finisterra nº72 vol. XXXVI, p. 198



09 . apanha da azeitona

O olival . o contexto do alqueva

A origem das oliveiras perde-se no tempo e funde-se com as civilizações mediterrâneas. São várias as referências sobre a oliveira e a azeitona em quase todas as religiões e os primeiros vestígios remontam para uma cultura milenar.

Não é possível afirmar ao certo a origem desta árvore, aceita-se que a oliveira seja proveniente da Síria, Líbano ou de Israel, ou até há quem defenda que a origem seja da Ásia Menor, Baixo Egipto ou da Etiópia, mas independentemente da sua origem existe uma região em comum, o Mediterrâneo. A oliveira silvestre, o zambujeiro, ter-se-á difundido naturalmente ou até mesmo por meio dos povos que a utilizavam sempre que as condições climáticas permitiam o seu desenvolvimento.

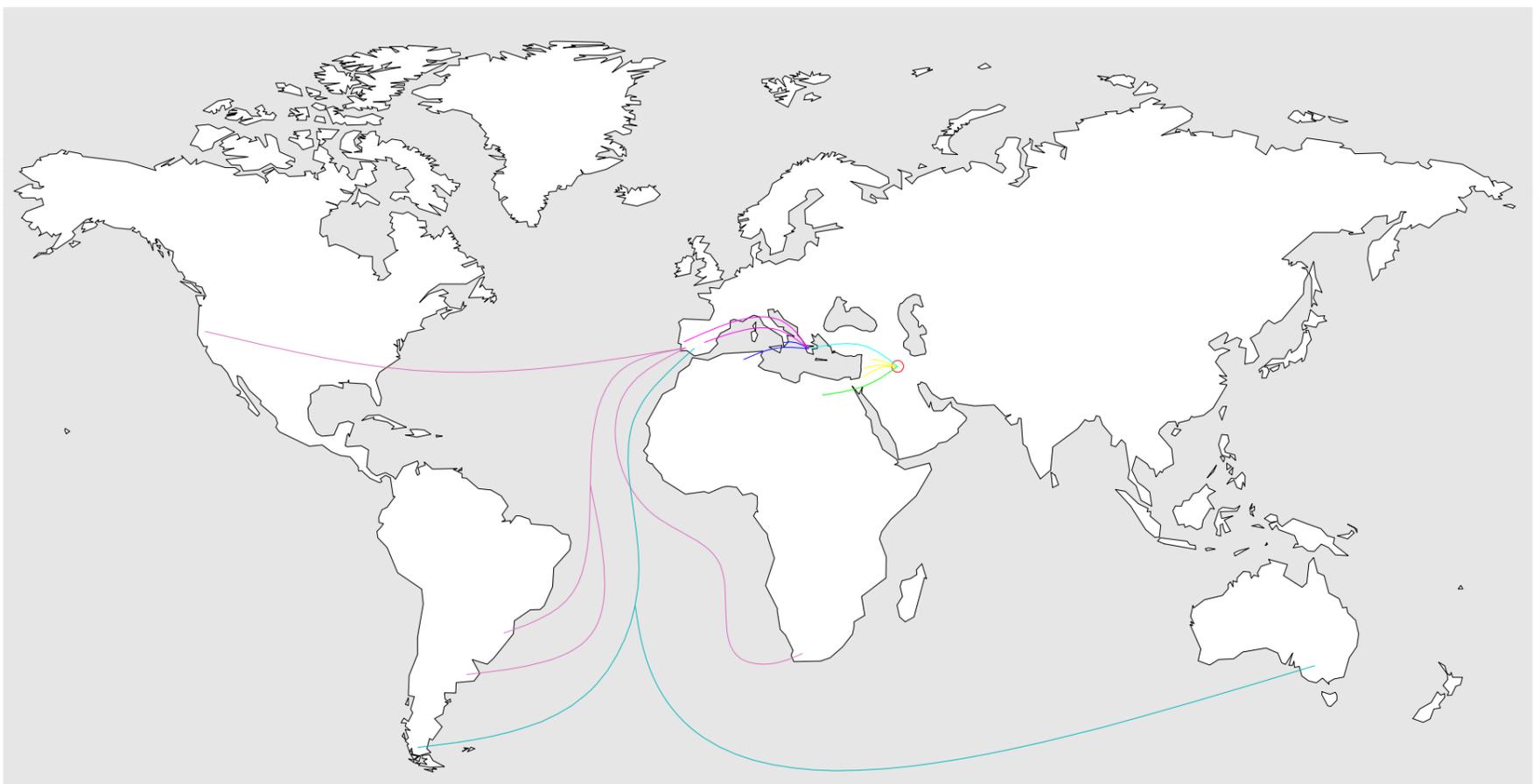
“Onde a oliveira não chega o Mediterrâneo morre”

(expressão popular sem referência a autor)

A domesticação da oliveira começou no fim do período paleolítico, entre 10000 a 3000 a.C., durante a revolução neolítica, onde o Homem desenvolveu técnicas de cultivo agrícola e passou a ter condições de armazenar alimentos, o que levou os povos a fixarem-se por mais tempo num local, aparecendo as primeiras villas e aldeias, possivelmente na Mesopotâmia, e posteriormente no Egipto e Grécia.

No início do primeiro milénio a.C. a oliveira começou a propagar-se pelo mediterrâneo chegando à Líbia, Tunísia e ao sul de Itália, onde se difundiu por todo o país por parte dos povos gregos. Mais tarde devido aos fenícios chegou ao Norte de África e Sul de Espanha. A Península Ibérica por ser um ponto fulcral das rotas marítimas, foi um marco importante na expansão do azeite, assim Portugal recebeu esta cultura por parte dos Gregos e Cartagineses, por meio de trocas de produtos de luxo, azeite e vinho, pelos alimentos de que necessitavam.

Na época dos descobrimentos, portugueses e espanhóis desenvolveram e expandiram a olivicultura devido ao consumo crescente da população e também às necessidades provindas da descoberta do continente americano. A oliveira e o azeite chegaram ao Brasil, à Argentina, ao Chile e mesmo à América. Contando com os avanços da tecnologia na agricultura, nesta área, devido às condições climáticas e qualidade dos solos, existe a tentativa de chegar à qualidade dos azeites provenientes da região mediterrânica.



- 7000 a.C. _ Norte da Mesopotamia
- 5000 a.C. _ Síria, Líbano Israel
- 4000 a.C. _ Egípto
- 3000 a.C. _ Grécia
- 2000 a.C. _ Itália, Norte de África
- 1000 a.C. _ Portugal, Espanha
- 1600 d.C. _ África do Sul, Brasil, América Latina, Califórnia
- 2000 d.C. _ Argentina, Austrália

A paisagem agrícola desenvolve-se no espaço rural, ou seja, o meio natural aproveitado e explorado para a produção agrícola, onde traduzem situações profundamente modificadas na sua estrutura pelas tipologias sucessivamente evoluídas, pelo Homem que em determinado território dele subsiste.

"A paisagem agrícola não se opõe ao meio natural: adapta-se a ele ou pelo contrário transforma-o."¹³

Num vasto processo de domesticação a que o Homem submeteu os bosques adjacentes ao mar Mediterrâneo, uma complexidade de formas podem caracterizar a aparência da plantação da oliveira. Na paisagem mediterrânica, a malha mais ou menos ortogonal, de maior ou menor dimensão do olival é um elemento emblemático. Nesta matriz são fundamentais as componentes edafo-climáticas.

Neste sentido não surpreende que os mais antigos olivais apresentem um padrão irregular, resultando do processo de enxertia dos zambujeiros existentes.

De norte a sul de Portugal, os olivais representam uma obra verdadeiramente gigantesca, um trabalho de gerações, trabalho difícil não só pela extensão como pelo esforço exigido. Mesmo nos solos mais pobres e acidatados, onde em alguns casos se transformaram encostas em terraços (que traduz uma forte interferência humana na construção de olivais), ou em terras planas, como é o caso do Alentejo, ocupa preferencialmente os solos calcários, ainda que seja possível a sua plantação em todo o tipo de terrenos, tradicionalmente sempre como cultura de sequeiro.

O padrão de cultivo desta cultura evoluiu ao longo dos tempos. A modalidade espacial mais antiga é a dispersão aleatória das oliveiras, esta disposição pode estar justificada por uma plantação determinada pela topografia.

Com os avanços da cultura e a progressiva mecanização das tarefas, surge os padrões geométricos visíveis hoje nos olivais existentes.

O olival encontra-se entre as culturas com maior exigência de mão-de-obra, factor que lhe determina elevados custos de produção. Tal necessidade de mão-de-obra, no passado, determinou-lhe uma implantação relativamente próxima de aglomerados urbanos ou dos montes das herdades.

Com os desenvolvimentos tecnológicos na agricultura, em principal na olivicultura, surgiu a hipótese de intensificar as culturas de forma rentabilizar as áreas de exploração, assim nas paisagens de olival é possível distinguir as diferentes formas de cultivo.

No olival tradicional temos compassos de 6x6 metros até 12x12 metros ou mais, com cerca de 70 a 270 árvores por hectare, e exploram-se oliveiras de grande porte, que podem produzir durante várias dezenas, ou mesmo centenas de anos. Nas modalidades intensiva e super-intensiva as árvores assumem portes menores, compassos mais apertados, e durabilidade mais limitada. Um olival intensivo

pode conter 3000 a 3500 árvores por hectare, com uma durabilidade de poucas dezenas de anos, enquanto um olival super-intensivo pode conter 6000 a 7000 árvores por hectare, onde se limita o porte e que se traduz num período de produção entre 10 a 20 anos.

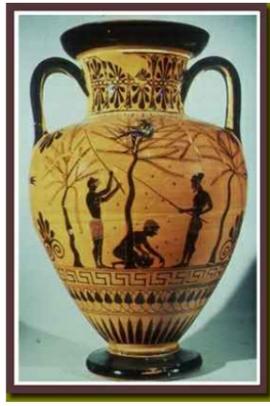
Actualmente, a área de olival aumentou recentemente de modo considerável, com a plantação estimada de cerca de 40 000 hectares de novos olivais, na sua quase totalidade em modalidade intensiva ou super-intensiva. Este aumento tem por base a mudança da cultura de sequeiro para uma cultura de regadio, por meio da barragem do Alqueva.

A construção do Alqueva veio alterar a paisagem alentejana sobretudo na componente agrícola, com a construção dos canais de rega do regadio, foram criadas condições para levar a cabo uma alteração dos sistemas culturais praticados, nomeadamente a introdução de novas culturas, com especial destaque para as culturas de olival com novas áreas de exploração e aumento dos períodos de produção, com vista a permitir num futuro próximo a auto-suficiência de Portugal, a nível de consumo e exportação de azeite.

¹³ _ CARY, Francisco Caldeira, *Paisagem e Agricultura, in Paisagem*



10



11



12



13

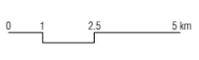
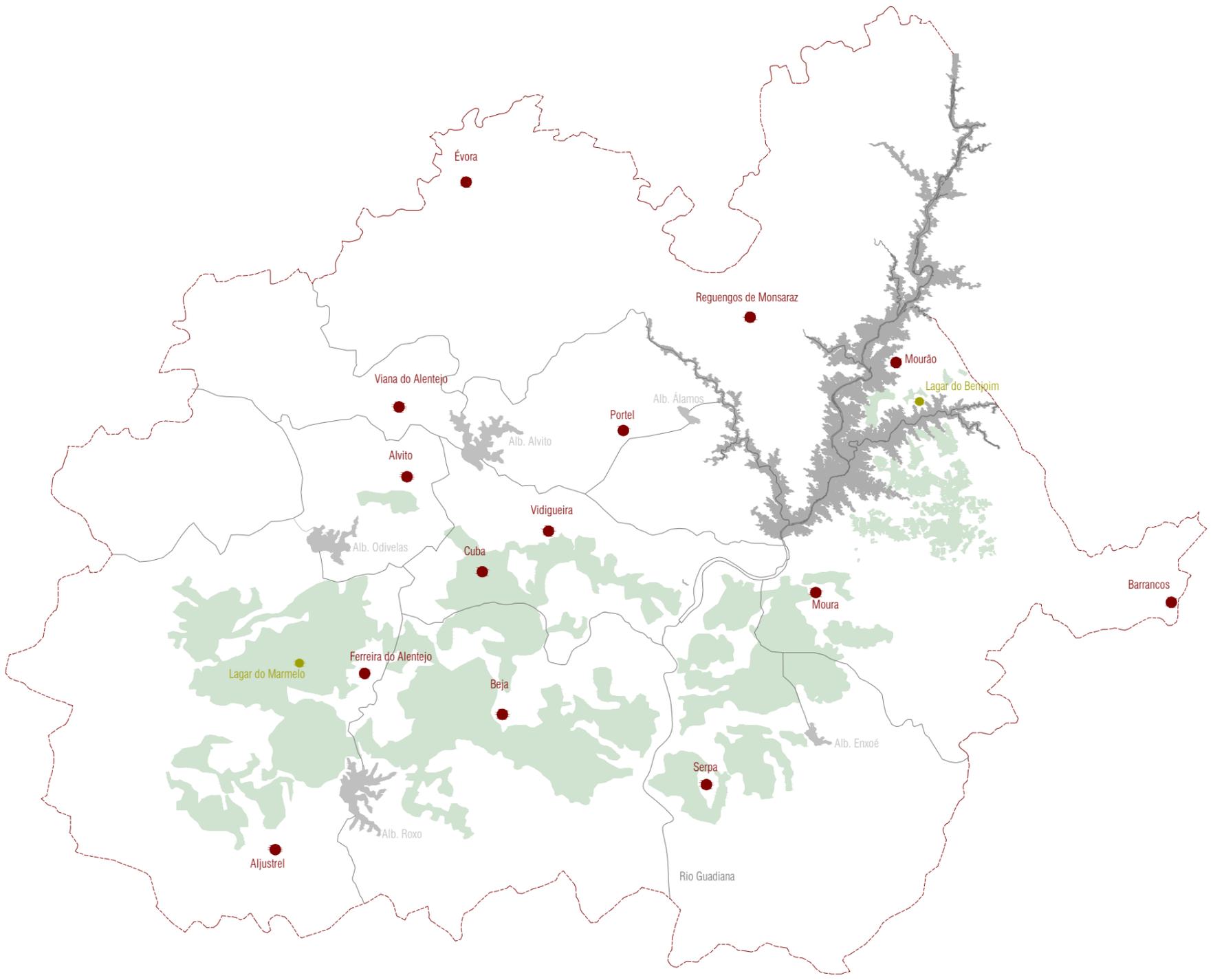


14

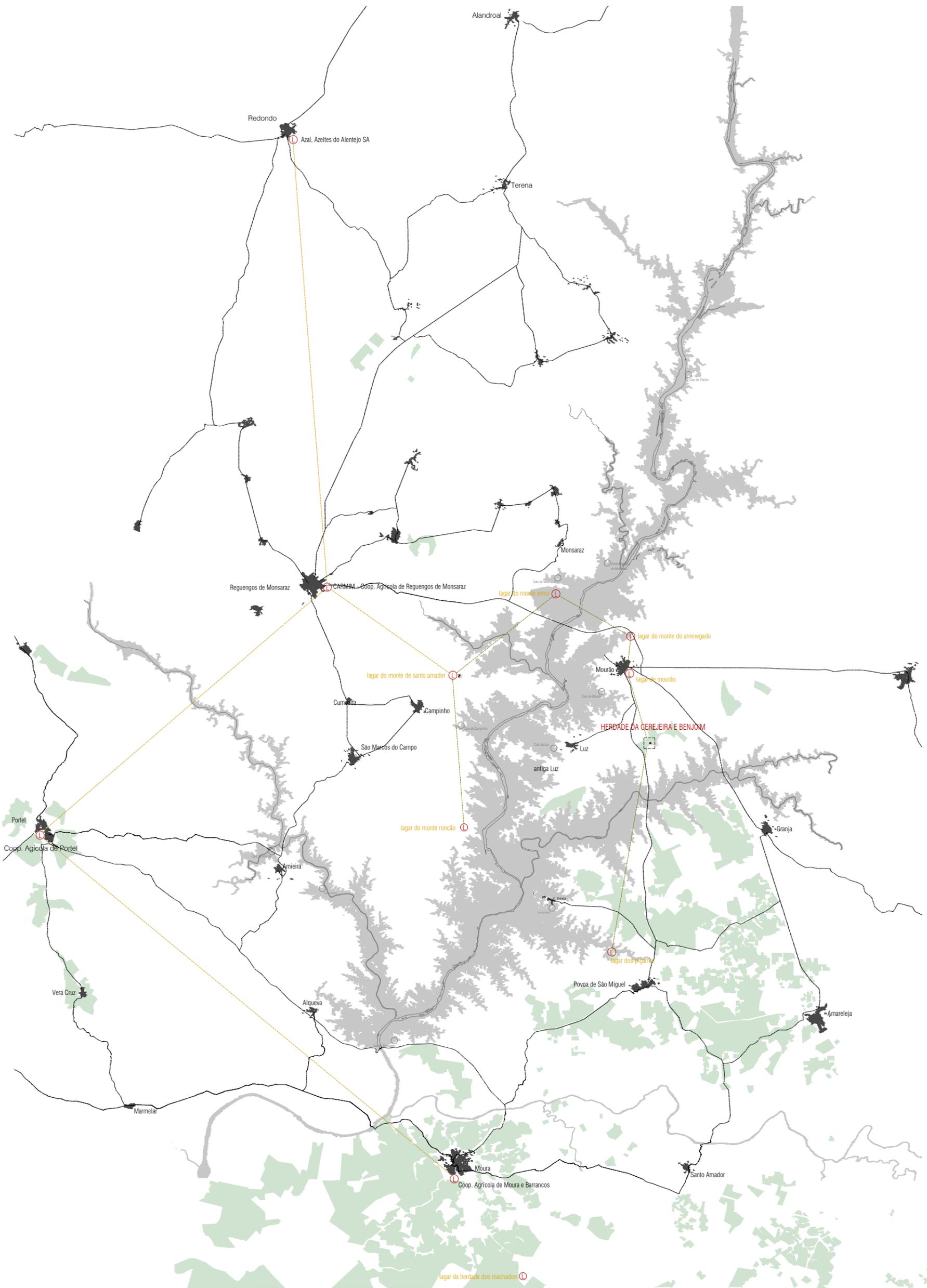


15

gravuras e pinturas cultura da oliveira



--- LIMITE DE ÁREA DE INFLUÊNCIA DE REGADIO — SISTEMA DE REGA PRIMÁRIO ■ OLVAL



ROTA DOS LAGARES ACTIVOS

ROTA DOS LAGARES DEVOLUTOS

OLIVAL



Arquitecturas do olival

Como parte integrante da paisagem alentejana, no monte assume-se uma complexidade e significado cultural que reside na ligação entre a arquitectura e o território onde se insere, onde a casa assume uma posição central no contexto económico, social e do trabalho da herdade.

A casa rural como em qualquer modelo arquitectónico, os aspectos formais são o resultado do contexto em que se insere, assim esta é uma construção onde coexiste uma arquitectura popular de formas simples associada a elementos mais elaborados, que combinam os usos e necessidades de quem os habita.

Pode-se dizer que estas casas são ecléticos, o resultado de fusões e adições de elementos característicos da arquitectura rural, popular e funcional com elementos de uma arquitectura de carácter senhorial, o resultado de uma evolução longa e demorada de transmissão de gerações, de conhecimentos e técnicas.

Geralmente o monte alentejano implanta-se num ponto alto do território, sobranceiro e dominante aos campos de trabalho, desenvolvendo-se num sentido longitudinal que pode assumir várias direcções, e pela natureza matérica extremamente plástica assume-se como uma obra em progresso, sempre possível adicionar ou subtrair divisões em função da necessidade.

O monte no olival é um exemplo importante como modelo de exploração agrícola com uma continuidade histórica desde os romanos e as villas passando pelas alcarias, pequenos povoados rurais que se encontravam nas imediações dos aglomerados urbanos, até às herdades de hoje, o monte surge como uma obra em progresso adaptando-se às necessidades de quem o habita e ao território em que se insere.

A morfologia mais frequente do monte alentejano de olival, desenha-se em dois blocos, paralelos entre si, que definem a rua ou terreiro, onde se cruzam os caminhos dos membros da lavoura, constituindo o conjunto edificado. Importante de salientar que as pequenas aldeias alentejanas possuem um desenho semelhante, como um grande monte, muitas vezes derivadas mesmo de montes, habitadas por um conjunto de trabalhadores que serviam as herdades próximas. Ainda que menos frequente, a casa pátio surge associada às zonas planas, onde a casa vira-se para o interior e o pátio assume um carácter de destaque na vida do monte, não só como espaço de distribuição mas também como um espaço mais contido de convívio para quem o habita, como é o caso da Herdade dos Machados e o Monte do Benjoim.

O espaço interior aos dois blocos paralelos construídos, o terreiro, é um espaço alongado e linear, pode constituir uma porção intercalar de um percurso, nem sempre ortogonal, surgindo da articulação das



16



17



18



19

16, 17 . Herdade dos Machados

18, 19 . Herdade de Palhais

construções, adquirindo formas regulares ou menos regulares provocando efeitos tensionais há medida que é percorrido conferindo um dinamismo ausente nos casos anteriormente descritos nas casa pátio, fechado e regular.

Como é possível observar no caso da Herdade de Palhais, o terreiro desenhado pelo conjunto edificado, paralelo entre si, reduz o significado de rua a um espaço contido, uma vez que esta não tem continuidade, abrindo-se para o campo, mantendo em aberto a possibilidade de se expandir, prolongando as sucessivas construções alinhadas ao caminho ou terreiro.

No desenho das fachadas, o branco da cal sobressai e as aberturas para o espaço exterior são quase inexistentes, conferindo ao edifício um carácter quase hermético, o que reforça ainda mais a posição hierárquica do terreiro ou pátio.

Em alguns casos o monte surge envolvido pelo olival ou em posição de limite, isto deve-se à concentração de mão-de-obra localizar-se no monte, reforçando a ideia de casa rural ser também um "instrumento de trabalho" para reduzir o tempo de deslocação da azeitona até ao ponto de transformação, e também o proprietário rural procura povoar a sua residência de uma cintura arbórea a que se associa uma maior amenidade climática nos meses mais quentes.

Na segunda metade do século XX, no Alentejo, reduziu-se a variedade de culturas pelas explorações, mas a monocultura de olival era um aspecto raro, e a maioria das herdades de produção de olival recorria às policulturas, de forma a preencher o calendário agrícola, para não exista excesso de mão-de-obra, assim associava-se a esta cultura a prática da vinha e dos cereais para compensar as oscilações da colheita.

Desta forma verifica-se que a monocultura de olival predomina nas terras de Espanha, na Andaluzia, apesar de hoje em dia já verificarmos algumas explorações no Alentejo dedicadas somente ao olival, as grandes explorações intensivas e super-intensivas, mas o que encontramos neste território são principalmente as pequenas instalações de elaboração de azeite associadas aos montes, de raízes populares e com carácter particular.

No caso do Alentejo, o lagar assume um papel de destaque na organização do monte, mas não é evidente do exterior, devido à utilização de um sistema construtivo de melhor qualidade, recorrendo a estruturas em pedra que permitia que as grossas paredes sustentassem as forças derivadas do fulcro da vara do lagar. Pelo contrario em Espanha utilizando processos construtivos mais simples recorriam a volumosas torres-contrapeso que se sobrepunham ao fulcro da vara da prensa, uma imagem marcante e um indicador desta actividade na paisagem de olival da Andaluzia, imagem 22 e 23.



20



21



22



23

- 20 . lagar herdade da Falcoeira
21 . lagar Monte de Santo Amador
22 . esquema torre contra forte lagar
23 . torre de prensa de lagar Fuentes de Andalucia

CASO DE ESTUDO

Lagar do Marmelo - Oliveira da Serra . Ferreira do Alentejo
Ricardo Bak Gordon . 2010



24 . lugar do Marmelo

Lagar do Marmelo

Localizado em Ferreira do Alentejo, o Lagar do Marmelo veio introduzir uma nova valência à Herdade do Marmelo, um ponto de transformação de uma cultura tão característica desta paisagem, o olival.

Projectado pelo arquitecto Ricardo Bak Gordon, esta construção implanta-se como um marco no território numa relação de harmonia entre arquitectura e agricultura, com uma atitude contemporânea respondendo a um programa de indústria mas responsável com os elementos da paisagem.

Nesta proposta, não se trata apenas de introduzir um elemento contruído numa paisagem rural, é algo que se implanta e assume tal carácter, numa ponte entre o construído e o natural, uma paisagem global.



novo lagar do marmelo

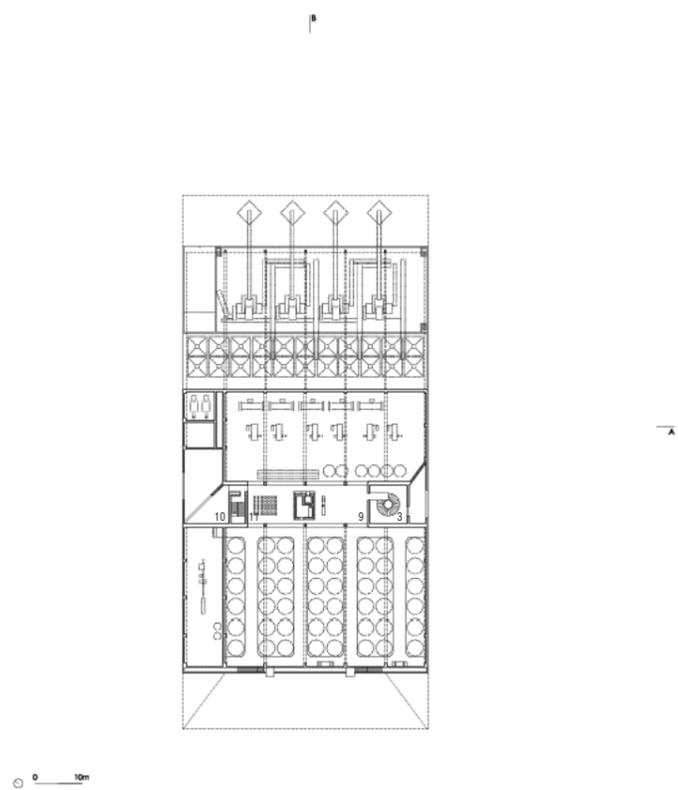
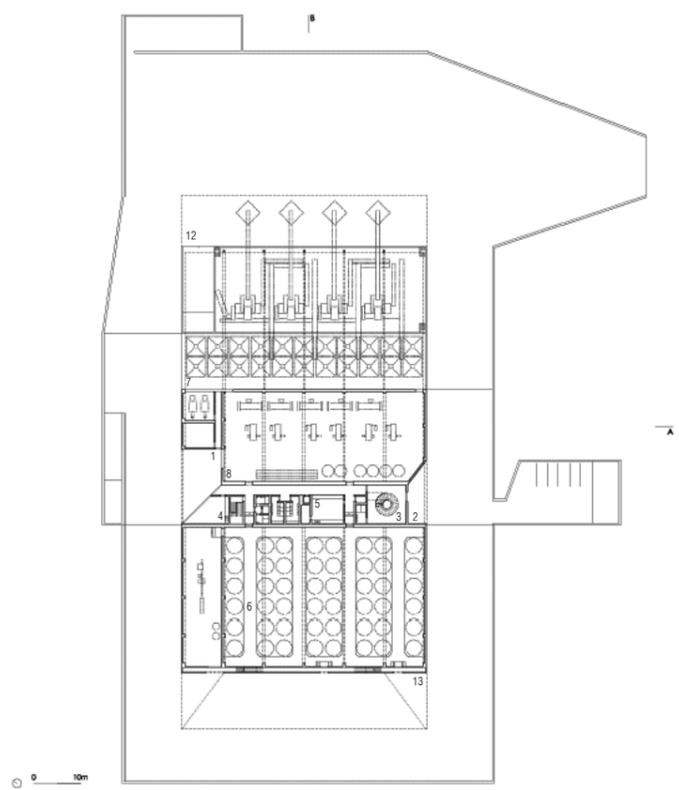
monte do marmelo

25 . Ortofotomapa herdade do marmelo

O edifício surge dentro da área de plantação e estende-se entre o olival como um objecto abstracto e branco como se levitasse. Esta leveza deve-se à delicadeza do seu desenho com as duas palas que se lançam em consola nos extremos do edifício marcando o início e o fim do processo de transformação da azeitona, como se de uma máquina se tratasse.

o carácter marcante visulamente não se limita á sua existência duarante o dia, durante a noite as palas assumem um tom dourado iluminando estes espaços de trabalho, contrastando com os tons da terra, marcando mais uma vez este território.

Em termos programáticos o edifício desenvolve-se a duas cotas. À cota do terreno e num sentido longitudinal, existe todo o programa relacionado com a transformação, desde a entrada da azeitona até ao produto final, passado por todos os processos de análises, efectuados pelos laboratórios localizados no ponto de charneira entre a sala de transformação e a sala de armazenamento. A uma cota superior e num sentido transversal ao edifício localiza-se os espaços públicos, que se abrem para os espaços de trabalho para dar a conhecer o processo, através de um espaço multifuncional com a sala de provas.



1 entrada 2 entrada para publico 3 átrio 4 lounge 5 laboratório 6 depósito 7 lagar 8 prensa 9 exposição/sala de degustação 10 administração 11 sala de reuniões 12 recepção da azeitona 13 plataforma de distribuição

26, 27 . Plantas lagar do marmelo



28



29

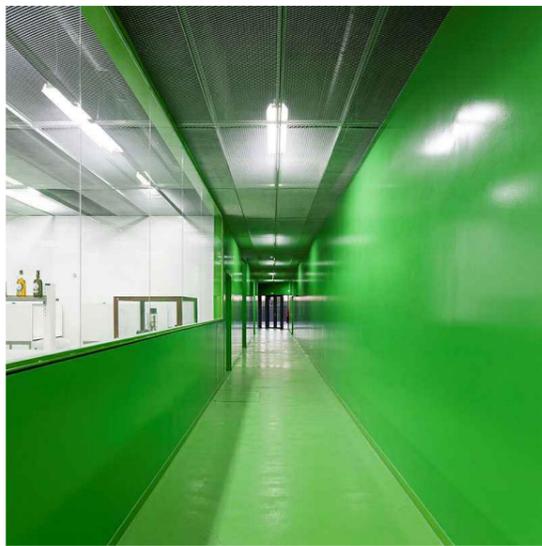


30

Exterior Lagar do Marmelo



31



32



33

Interior Lagar do Marmelo

A HERDADE DA CEREJEIRA E BENJOIM

"A casa popular, e sobretudo a casa rural, é mesmo concebida não apenas como um abrigo, mas sobretudo como um verdadeiro instrumento agrícola que é preciso adaptar às necessidades de exploração da terra"

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano



34 . planta cadastral herdade da Cerejeira e Benjoim

O lugar . caracterização paisagística

Após um levantamento e análise dos montes na envolvente do lago, a escolha do lugar tornou-se fundamental tendo em consideração o tema de uma unidade produtiva agrícola. A proposta pretende reconhecer as qualidades e necessidades de um lugar, e para tal é necessário entender o território onde se insere e a tipologia a que se refere.

O rápido processo de transformação económica e desenvolvimento social das últimas décadas tem afectado as estruturas agrícolas, reduzindo significativamente as pequenas culturas de olival exploradas por montes e aglomerados urbanos, dando origem a grandes explorações intensivas e super-intensivas. São ainda visíveis muitos montes que gravitam em torno de aglomerados urbanos, ou que se inserem em herdades, quase sempre numa posição de domínio sobre território, onde se identifica uma tipologia arquitectónica muito ligada ao trabalho da terra.

O projecto visa reactivar o Monte do Benjoim e o seu extenso olival (cerca de 100 hectares) que permanece ao abandono, de forma relacionar-se a uma escala mais reduzida a nível da herdade em que se insere, e da herdade com os núcleos urbanos da envolvente.

O ruralismo da paisagem foi e será uma marca da humanização deste território, e se os aspectos culturais representam a forma de caracterizar uma região, então devem ser preservados.

A área compreendida do Alqueva destaca-se pelos seus recursos naturais e culturais, onde as peneplanícies, a vegetação do montado e do olival e a água constituem um património paisagístico singular que deve ser encarado como uma nova realidade de forma a combater o despovoamento.

A Herdade da Cerejeira e Benjoim localiza-se no concelho de Mourão e inscreve-se numa rede de percursos entre a Aldeia da Luz, Mourão e a Aldeia da Estrela.

Para além dos aspectos arquitectónicos, podemos fazer uma leitura desta herdade a dois níveis. No primeiro referente à sua implantação e desenho, a herdade surge numa posição de limite com o lago, compreendida entre dois eixos viários principais que ligam Mourão a Aldeia da Estrela e a Granja.

Os dois montes Cerejeira e Benjoim, apesar de se implantarem numa zona de planície assumem um papel de domínio do território, uma vez que surgem em locais estratégicos, junto às entradas viárias da herdade, fazendo o controlo das mesmas e de uma forma geral da área da herdade.

O conjunto de percursos é simples, existem dois percursos principais que atravessam toda a herdade e determinam o acesso aos montes e uma rede secundária, a norte bastante ortogonal e a sul, devido ao enchimento do lago, mais sinuosa que acompanha a linha de margem.

Outro elemento a assinalar nesta composição são as linhas de drenagem natural, a que se associam a

ligeiras concavidades, que com o seu desenho orgânico, rompem por entre a vegetação em direcção ao antigo traçado do Guadiana. Por estas linhas de água identificam-se algumas represas, que pontuam toda esta paisagem, utilizadas para os sistemas de rega das diferentes culturas.

No segundo nível de leitura a vegetação é o elemento primordial a ter em consideração na análise da herdade, a uma escala de menor detalhe, os diferentes tipos de vegetação associadas às diferentes culturas agrícolas conferem a este território diferentes texturas. De norte a sul observa-se uma gradação do volume das espécies e também da malha mais densa formada pelos talhões de árvores de cultivo passando pelo extenso olival, com uma implantação ortogonal mas com um espaçamento mais largo, recortado pelas circunferências dos pivôs do rega das culturas hortícolas, até à vegetação rasteira do prado, pontuado por um ou outro sobreiro, que se estende até onde a vista alcança terminando na margem do lago.

Deste conjunto predominantemente horizontal, destaca-se um único eucalipto, uma árvore de grande porte, que pontua e constitui uma referência na paisagem. Esta é a forma de marcar a localização do monte do Benjoim.



O lugar . a arquitectura

No seguimento da leitura feita anteriormente, referente à caracterização física e paisagística deste território, analisamos agora Herdade da Cerejeira e Benjoim a nível arquitectónico.

A distinção entre os dois montes reflecte-se na sua tipologia muito vincada ao programa que recebem. O monte do Benjoim caracteriza-se pela sua morfologia e enquadramento na paisagem bastante forte, como uma casa pátio que se encerra sobre si e onde todos os espaços vivem e abrem-se para o pátio, como um ponto central e de distribuição, possui um carácter mais ligado à agricultura, como já foi abordado no capítulo das arquitecturas de olival. Por sua vez o monte da Cerejeira fragmenta-se em núcleos distintos onde o recinto assume um papel de destaque, por ser um monte ligado à pecuária.

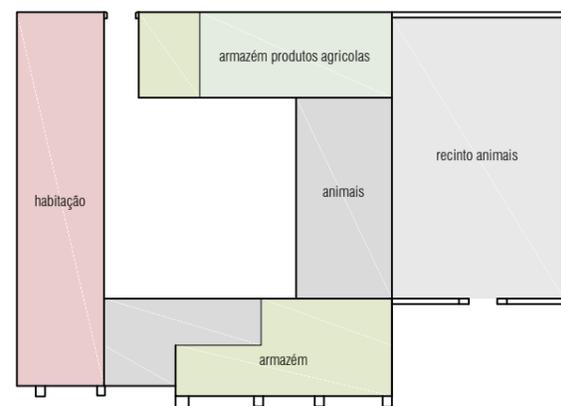
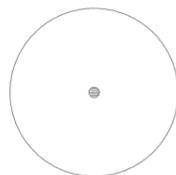
Em consideração ao tema de estudo, esta análise arquitectónica irá foca-se no Monte do Benjoim. A relação do Monte do Benjoim com o lago é muito frágil devido ao seu afastamento e à topografia o contacto visual é quase inexistente.

Implantado numa zona plana esta morfologia é também uma forma de protecção, ou seja, desenha um limite entre o interior e o exterior, onde o pátio é potencializado como espaço organizador e distribuidor do programa que este edifício recebia. Nesta leitura surge a ideia que o olival é mais antigo que o monte, pois tal é a sua íntima relação, que envolvido pela vegetação, desenha-se os limites da casa pelos limites da clareira que a recebe reforçando, mais uma vez, a tipologia de casa pátio.

Característica fundamental deste edifício é a horizontalidade, devido aos processos construtivos tradicionais, as construções em altura não eram recorrentes, assim surge um objecto baixo e alongado, quase hermético pela ausência de aberturas para o exterior, ficando os maiores vãos para o interior do pátio. Pontuado por várias chaminés que contrariam esta horizontalidade, é possível distinguir, através do ornamento e dimensão das mesmas, a que tipo de habitação se refere, a casa do proprietário ou da classe trabalhadora.

Na estrutura do Monte do Benjoim surge ainda o recinto, um espaço fechado por muros baixos relacionado com o espaço de animais, que permitia a sua permanência no exterior sem condicionar os trabalhos da lavoura.

Como forma de marcar este conjunto arquitectónico, o elemento vertical que contraria toda a construção aqui descrita, o eucalipto ganha um significado especial na identidade do monte na herdade, como se de um marco territorial se tratasse.



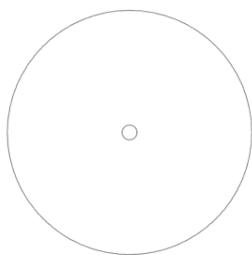
Programa pré-existente



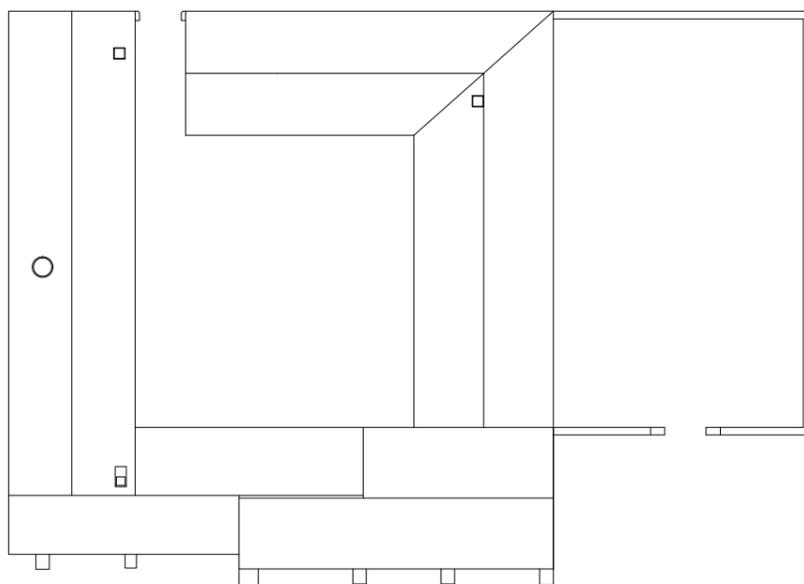
0 100 250 500 m

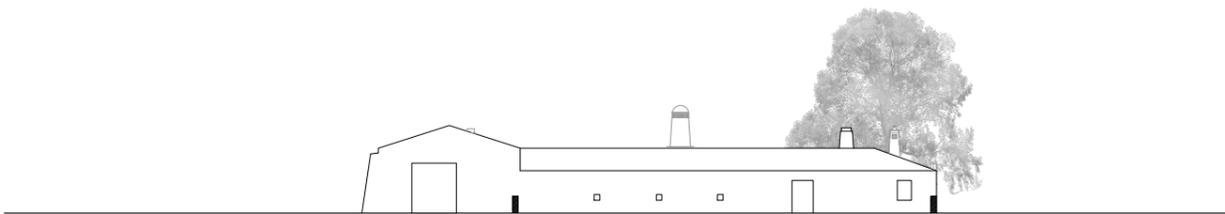
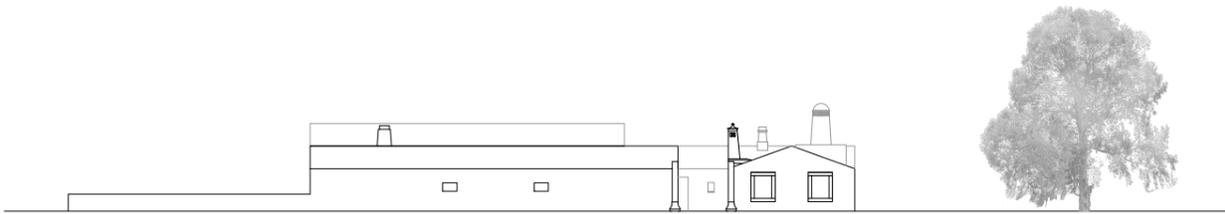
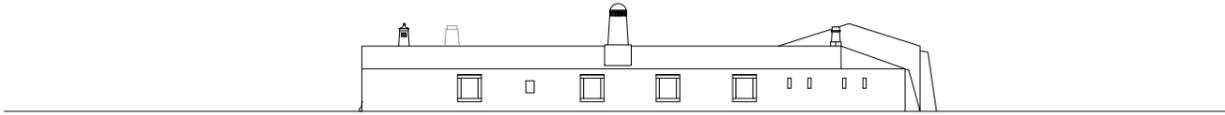
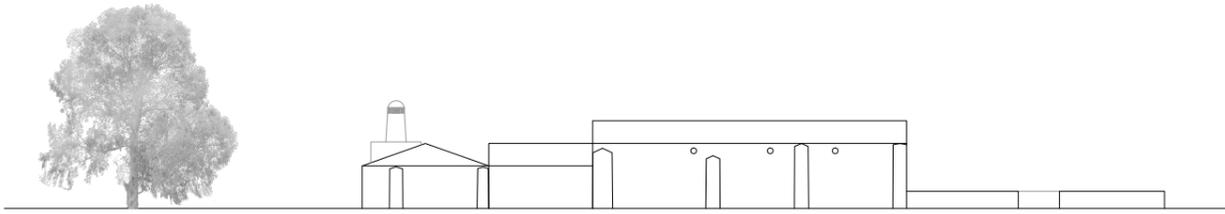


Pré- existencias

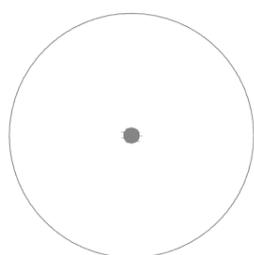


planta de cobertura e alçados





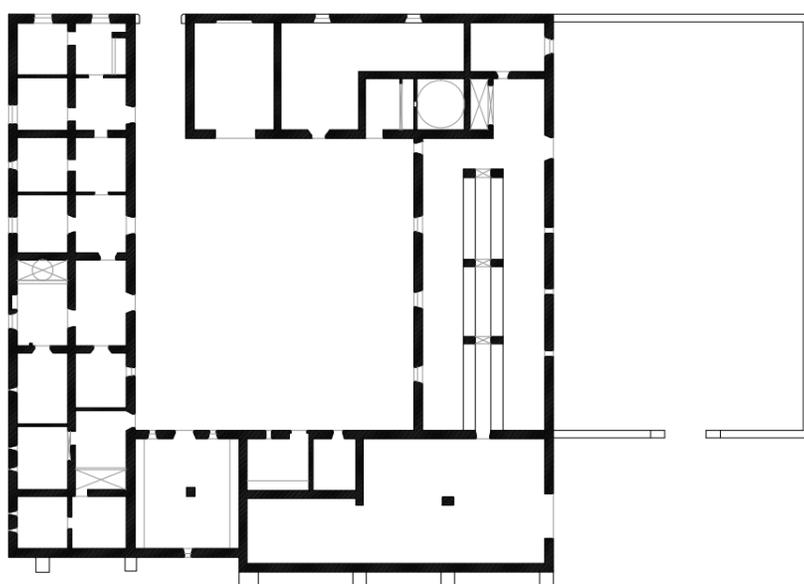
Pré- existencias

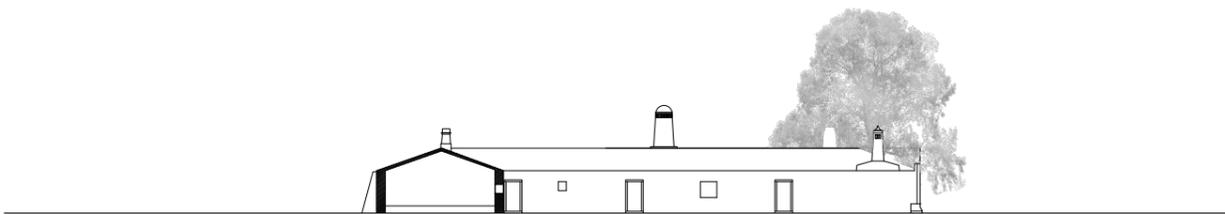
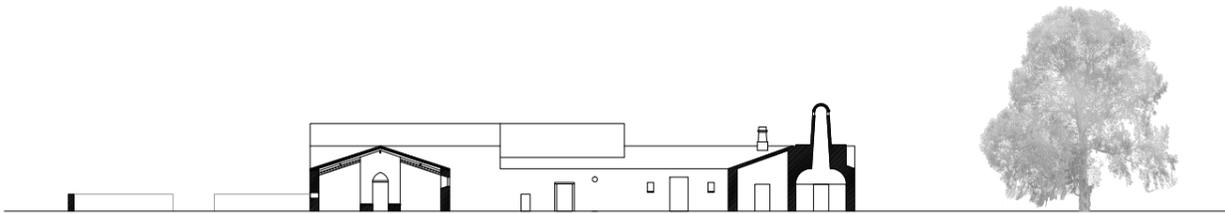
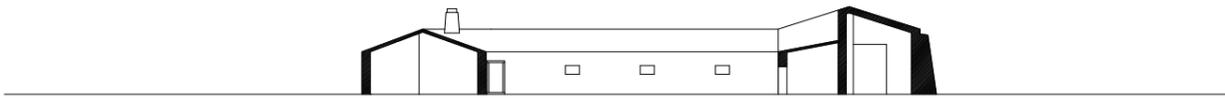
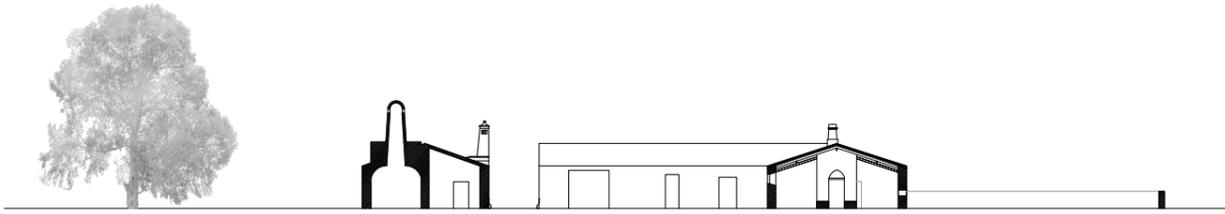


planta de piso e cortes



0 2 5 10m







35



36



37



38

Exterior Monte do Benjoim



39



40



41



42



43



44

Interior Monte do Benjoim

Estratégia . Programa

A partir da análise do território do Alqueva e da sua envolvente, pode-se estabelecer várias relações entre lugares de produção, os olivais, sejam eles intensivos ou tradicionais, e os lugares de transformação, os lagares a escalas reduzidas estabelecidos em montes, para produções particulares ou as cooperativas a escalas de maiores dimensões respondendo aos pequenos produtores desprovidos de lagares e às grandes produções.

Devido aos custos de produção os pequenos produtores são um número cada vez menor e os grandes produtores possuem lagares próprios, ficando desactivados os pequenos lagares e mesmo as cooperativas.

Desta reflexão e considerando a distância aos pontos de transformação da azeitona a partir da herdade em estudo, que reduz a qualidade do fruto até ser processado, o lagar na Herdade da Cerejeira e Benjoim é uma falência do lugar e desta forma o projecto segue esta linha de pensamento integrando este tema ao programa da proposta.

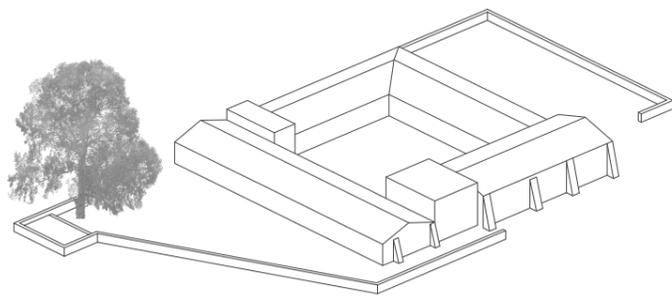
Embora em avançado estado de degradação do edifício e estruturas do Monte do Benjoim são evidentes as qualidades arquitectónicas e serão mantidas na proposta reestruturando o novo programa, realçando as características vincadas da casa pátio.

Na herdade em estudo, foi possível compreender como esta se apropriou do território essencialmente agrícola, fazendo a gestão e controlo deste a partir dos dois conjuntos edificadas existentes, o Monte do Benjoim e da Cerejeira.

Com o enchimento do lago, e pensando que a água é uma nova via de comunicação, existe a necessidade de desenhar uma nova porta de entrada na herdade, pela água, onde surge a nova estrutura do sistema agrícola, o lagar, como ponto de transformação e monitorização do olival.

Como forma de pontuar os diferentes momentos da cultura do olival, o programa divide-se pela casa mãe e o lagar, estabelecendo um paralelismo entre arquitectura e paisagem, criando espaços de passagem e estadia relacionando o espaço público e privado num percurso físico e intelectual de conhecimento e interacção com esta cultura, desde a plantação até ao produto final.

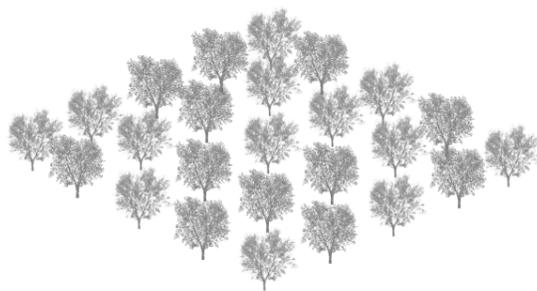
MONTE



habitação temporária / permanente
cozinha
espaço de convívio
pátio
exposição / divulgação



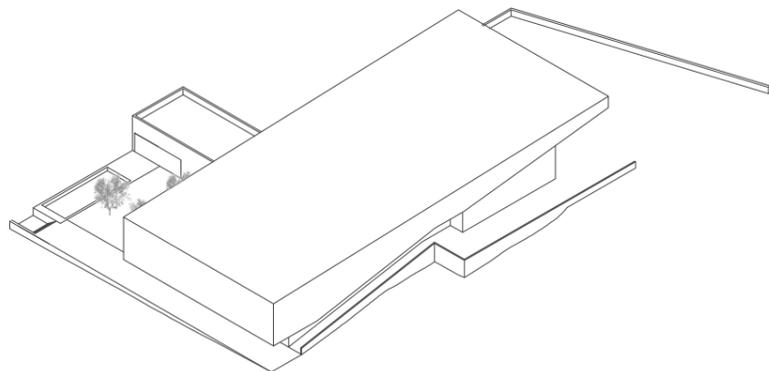
OLIVAL



produção
manutenção da cultura



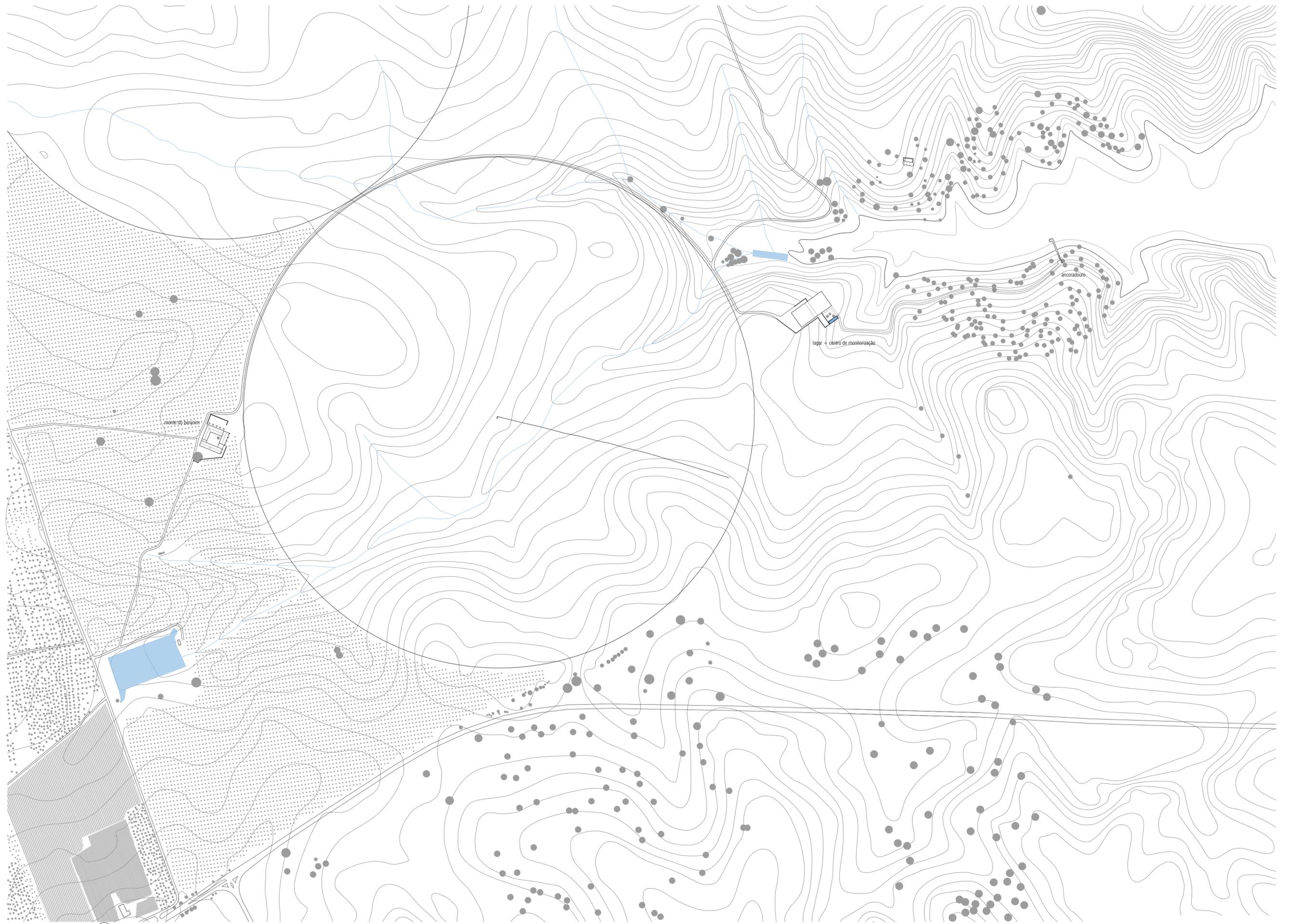
LAGAR



monitorização do olival
consultadoria agrícola:
_ planificação de novos olivais
_ gestão de águas e solos
transformação da azeitona
exposição
sala de provas



planta proposta herdade



planta de relação monte e lugar

Materialidade

Na casa rural a sul predomina a casa térrea de influência mediterrânea, de terra compacta, seca ao sol ou de tijolo cozido e com pavimentos de pedra ou ardósia, caiada de branco, que confere uma camada de protecção à frágil constituição da taipa ou alvenaria de adobe ou tijolo.

Esta técnica construtiva não favorece a construção em altura se utilizada sem recurso a outros materiais, apesar de em alguns montes de maiores dimensões contrariar esta regra e surgir casas com dois pisos, nomeadamente a casa do proprietário. Este aspecto é reforçado se o monte albergar outras funções como o lagar, que geralmente adopta uma construção mais complexa recorrendo a outras técnicas construtivas e materiais como a pedra.

A escolha dos materiais na concepção da proposta foi um tema fulcral, estabelecendo uma relação entre o antigo e o contemporâneo realçando a ligação do construído e a terra, da arquitectura e a paisagem.

Desta forma a intervenção no Monte segue esta linha de pensamento, mantendo a construção primária em tijolo rebocado e caiado de branco, onde as novas peças surgem em tijolo à vista que marca a diferença ao que é adicionado.

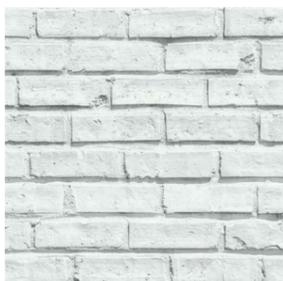
O pátio revestido a saibro, uma cor forte em busca dos tons da terra estabelece um forte contraste com a envolvente construída evidenciando a importância deste espaço contido de relação e ligação entre interior e exterior.

Na composição do Lagar todo o embasamento é em tijolo à vista como acontece nas novas construções do monte, e todo o edificado constrói-se em betão aparente e estruturas metálicas que lhe confere um carácter industrial que é intencional.

O betão aparente é marcado pela cofragem à vista, feita por tábuas de madeira na horizontal, em todo o edifício, de forma a assumir uma horizontalidade característica das construções rurais deste lugar, e remete para uma ideia de se construir a partir do terreno.

Toda a pele que reveste o edifício é em painéis metálicos onde a cor ganha uma nova importância e cria uma forte dinâmica ao construído pelas variações cromáticas ao longo do tempo, devido à oxidação do metal, onde se pode estabelecer um paralelismo com o fruto da oliveira que ao oxidar varia a sua cor.

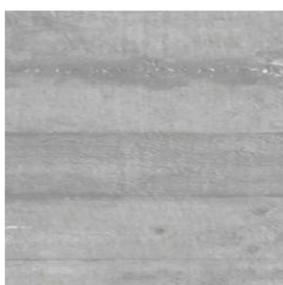
Tijolo à vista pintado de branco



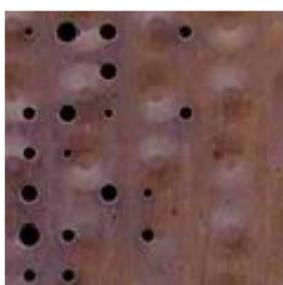
Saibro



Betão aparente com cofragem à vista



Painel metálico perfurado



O monte do benjoim . um espaço de memória

A forma como o Monte do Benjoim se implanta, resulta da interacção com o espaço em que se insere, como descrito anteriormente, envolvido pelo olival, apresenta uma tipologia de casa pátio, onde o pátio assume-se como um espaço da própria casa e a intervenção parte da ideologia de manter esse carácter, consolidando e intensificando o limite que se estabelece entre interior e exterior.

A estratégia adoptada como forma de intervenção na reabilitação da casa passa por compreender a estrutura existente e manter a imagem que esta apresenta na relação com a paisagem, desta forma a proposta desenvolve-se em dois momentos.

Devido ao estado de degradação em que se encontra o edifício e de uma matriz bastante definida em termos programáticos, não querendo aumentar a área de implantação, com a necessidade de integrar um novo programa ao já existente, no primeiro momento começou por redesenhar-se a estrutura de pátio através da adição de dois volumes, no espaço em ruína e na antiga entrada do monte feita a norte, única abertura com o exterior, com a mesma implantação.

Estas adições assumem um significado no desenho e vivência da casa, por um lado o espaço da antiga entrada agora construído, continua a manter o seu carácter de permeabilidade, mas num espaço controlado. Por outro lado a segunda adição define a nova entrada e destaca-se do restante construído pela sua altura, como se se tratasse de uma antecâmara para o pátio.

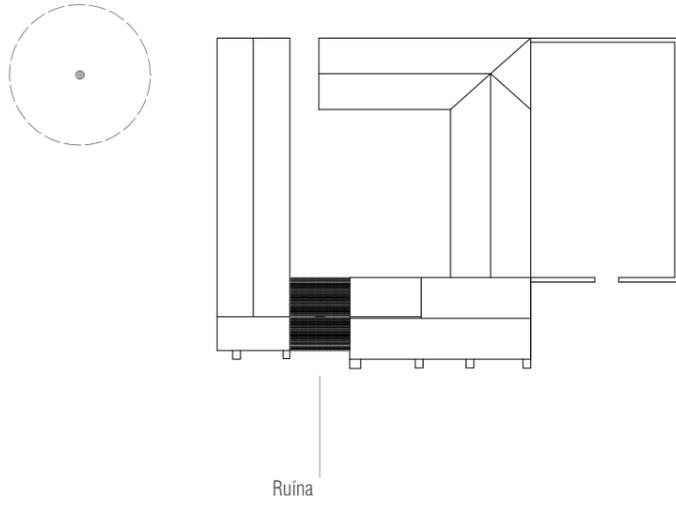
Invocado por uma construção adicionada recentemente ao monte, um depósito de água acoplado no alçado Este, a cobertura deste volume assume a função de recolha de águas, que a partir de um desaguadouro escoam a água para uma bacia no pátio associada a um depósito.

No segundo momento, tendo em consideração a implantação numa clareira, a proposta redefine o limite desta, através de muros que desenvolvem espacialidades, por um lado desenhado com a pré-existência do recinto dos animais e por outro através da métrica da vegetação que anuncia uma nova orientação e remata com um elemento de água, que não só gera como potencia este novo recinto, com um espaço fresco de sombra por baixo da copa do eucalipto. Estes muros surgem desfasados em relação a casa proporcionando uma maior permeabilidade, criando novos acessos entre o Monte e a paisagem envolvente.

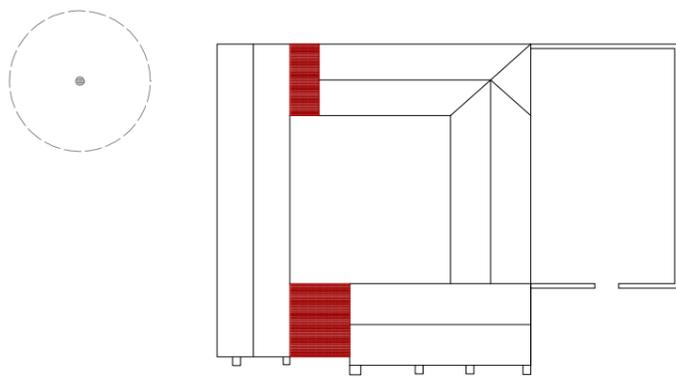
O desenho destes muros estabelece uma nova entrada no monte, reactiva o antigo caminho, que hoje atravessa o olival, e permite criação de um espaço, pontuado pelo eucalipto um marco no território que assinala o monte e agora a sua entrada, apesar de limitado fisicamente, aberto e em contacto com a paisagem antes de entrarmos no monte, onde as relações sensoriais com a envolvente mantêm-se limitando as visuais.

O pátio assume-se como elemento central da organização do monte, um ponto de distribuição e de relação para o programa que o envolve. Vincando esta importância na vida da casa, pretende-se que este espaço se diferencie dos restantes utilizando pó de tijolo com uma cor forte de terra que contraste com o branco dos alçados. Desprovido de qualquer contacto com a envolvente, em especial com o olival, implanta-se no pátio uma única oliveira, um elemento simbólico da cultura deste monte.

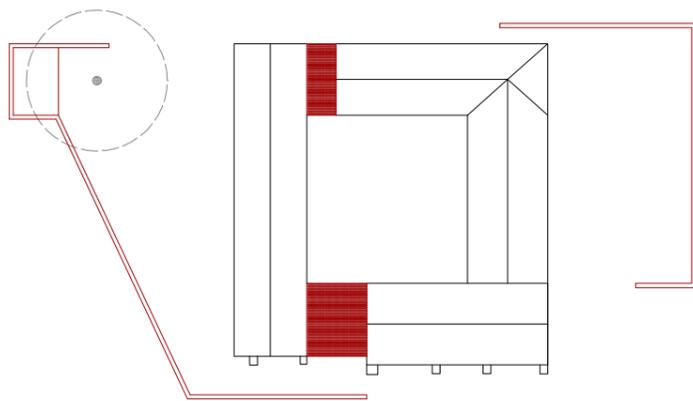




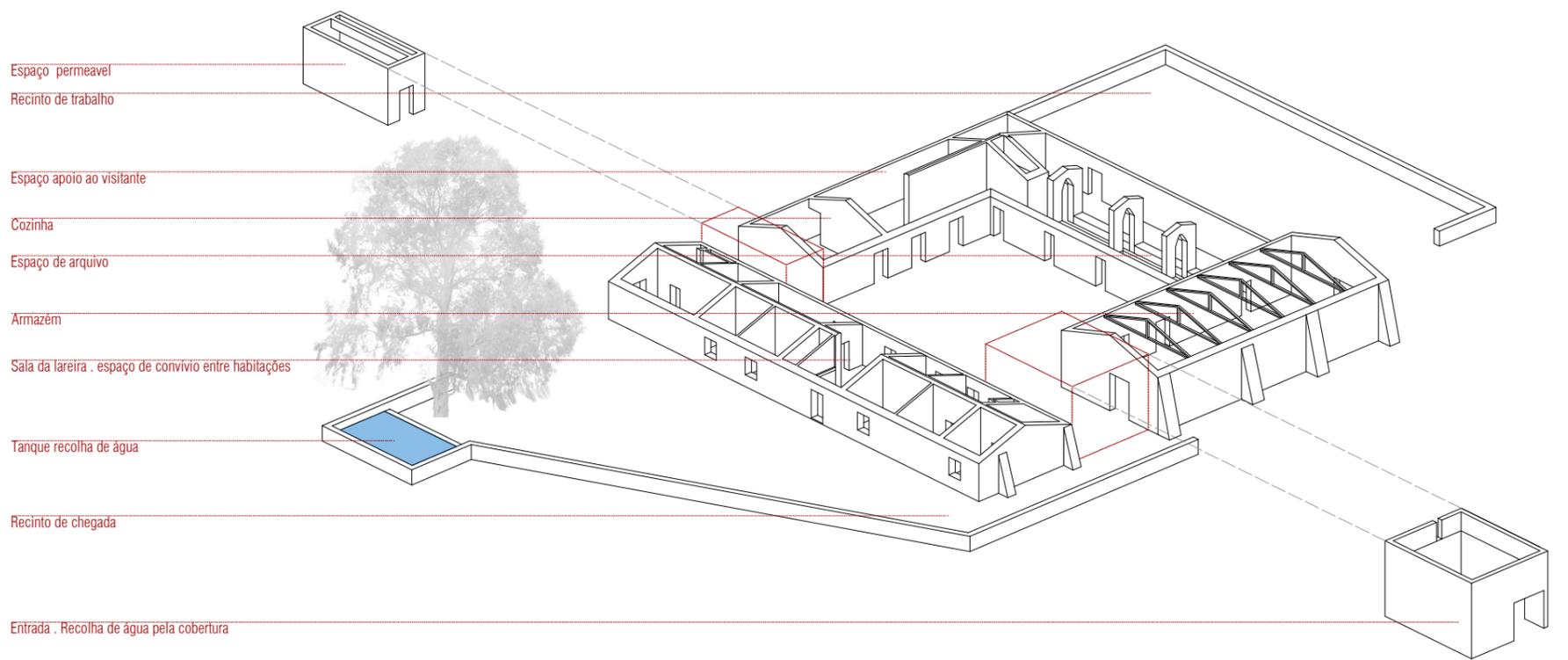
Existente



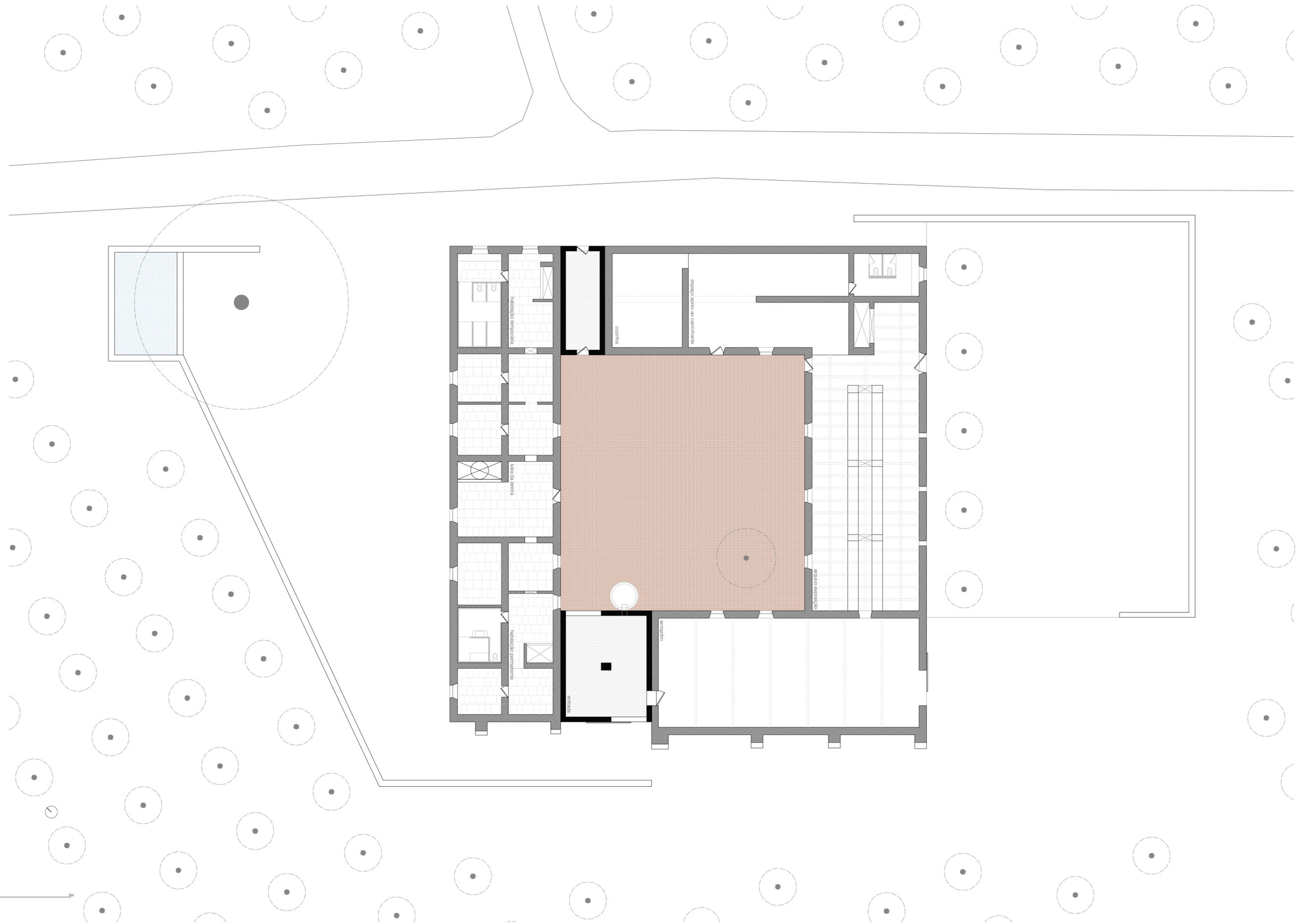
Proposto - Consolidar a unidade

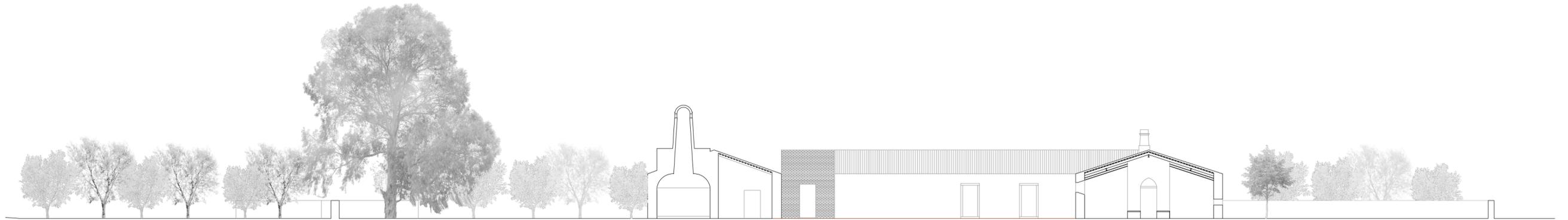
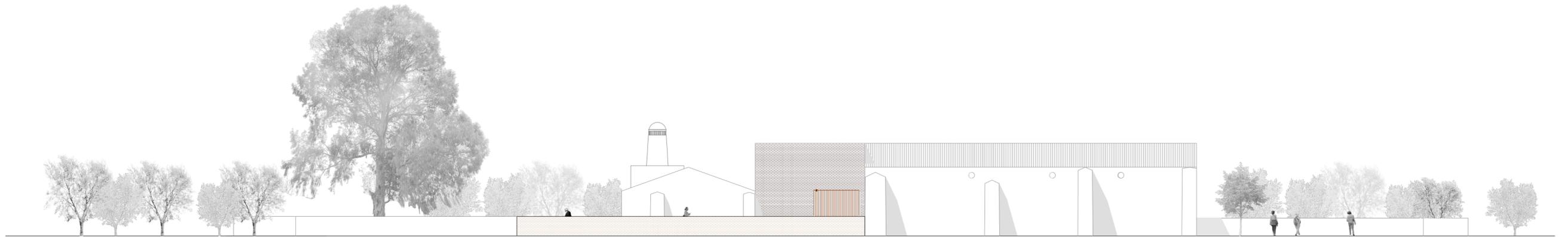


Proposto - Recintos . Redefinir os limites da clareira

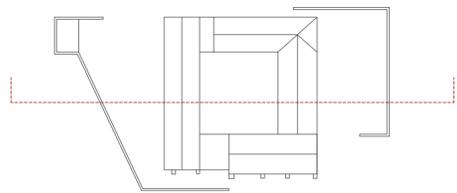


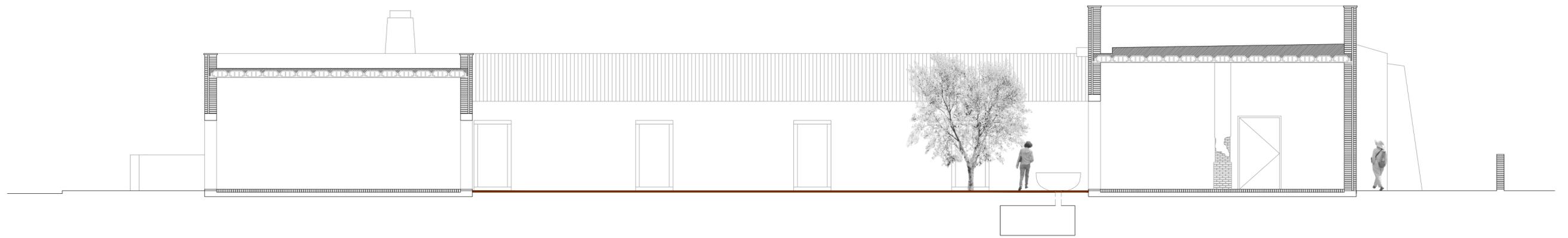
Monte . planta de piso



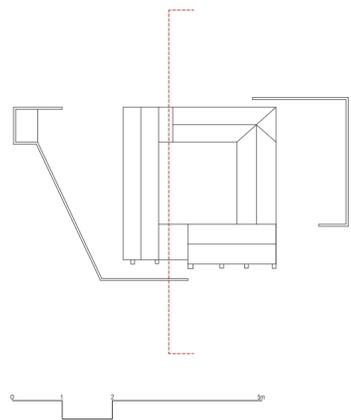


Monte , alçado e corte





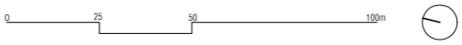
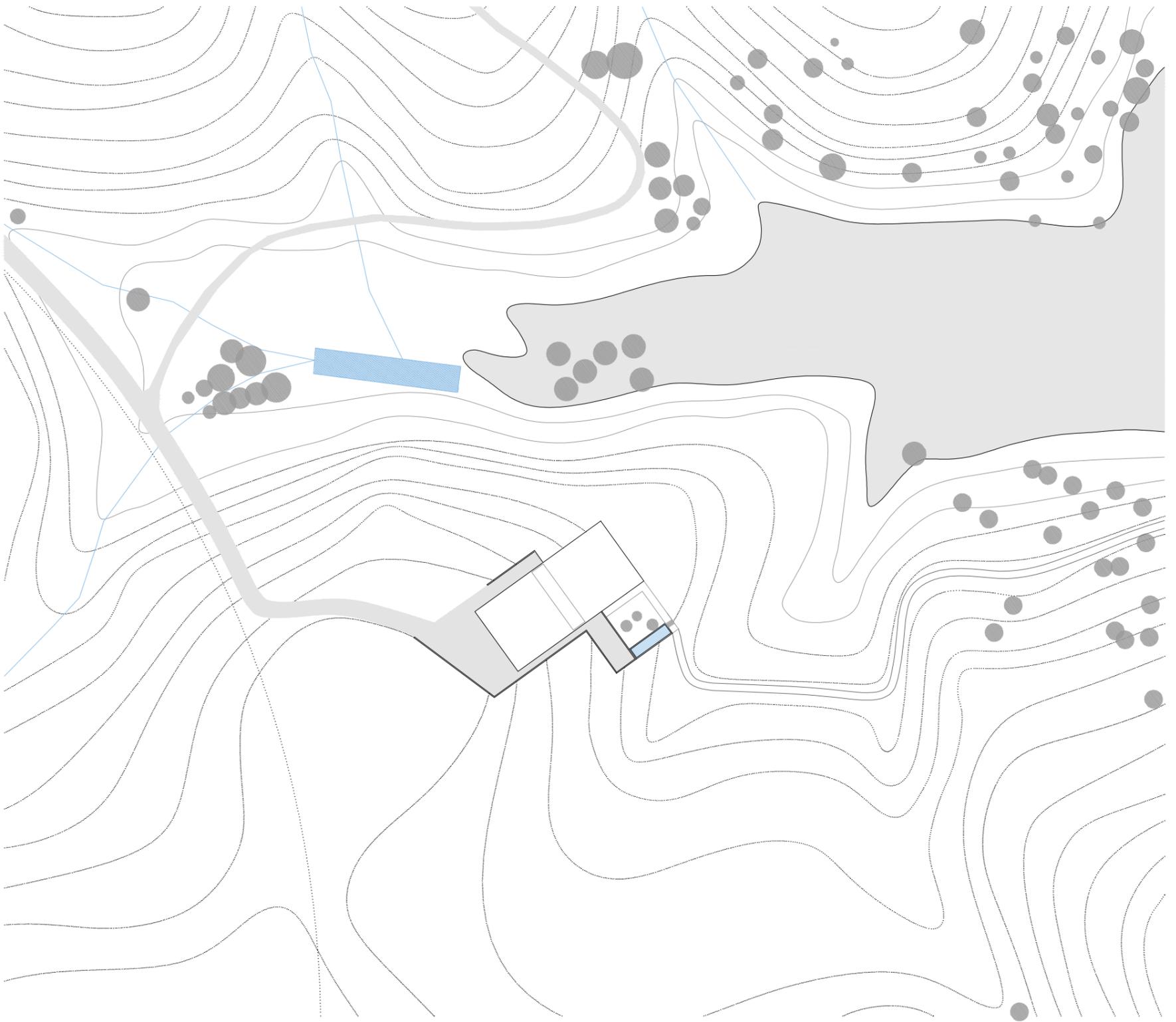
Monte - corte costruttivo



O lagar . uma construção na paisagem



45 . fotomontagem percurso para o lagar



O processo de implantação do lagar parte da articulação entre uma necessidade do lugar e do território em que se insere, num gesto sensível entre o programa e a paisagem.

A escolha do lugar teve em consideração esta nova realidade, o enchimento do lago, e contribui agora com uma nova forma de deslocação de meios e pessoas, a via fluvial. Como tal e segundo a estrutura da herdade, os montes implantam-se junto das entradas da mesma, como forma de as controlar e de as marcar, este novo objecto que vem completar o processo de produção e transformação do olival implanta-se junto do lago, respeitando a distância de defesa á margem (50 metros), como forma de pontuar esta "nova entrada" da herdade.

Para responder à produção do olival existente e a de novos olivais que venham a surgir, este lagar surge como um volume de grande dimensão, numa posição de meia encosta, redesenhando uma linha de festo, sobranceiro ao Alqueva.

Desenhado pela topografia, o próprio programa define o edifício, estabelece-se a distinção das áreas de trabalho com as áreas públicas pelas diferentes cotas e materialidades.

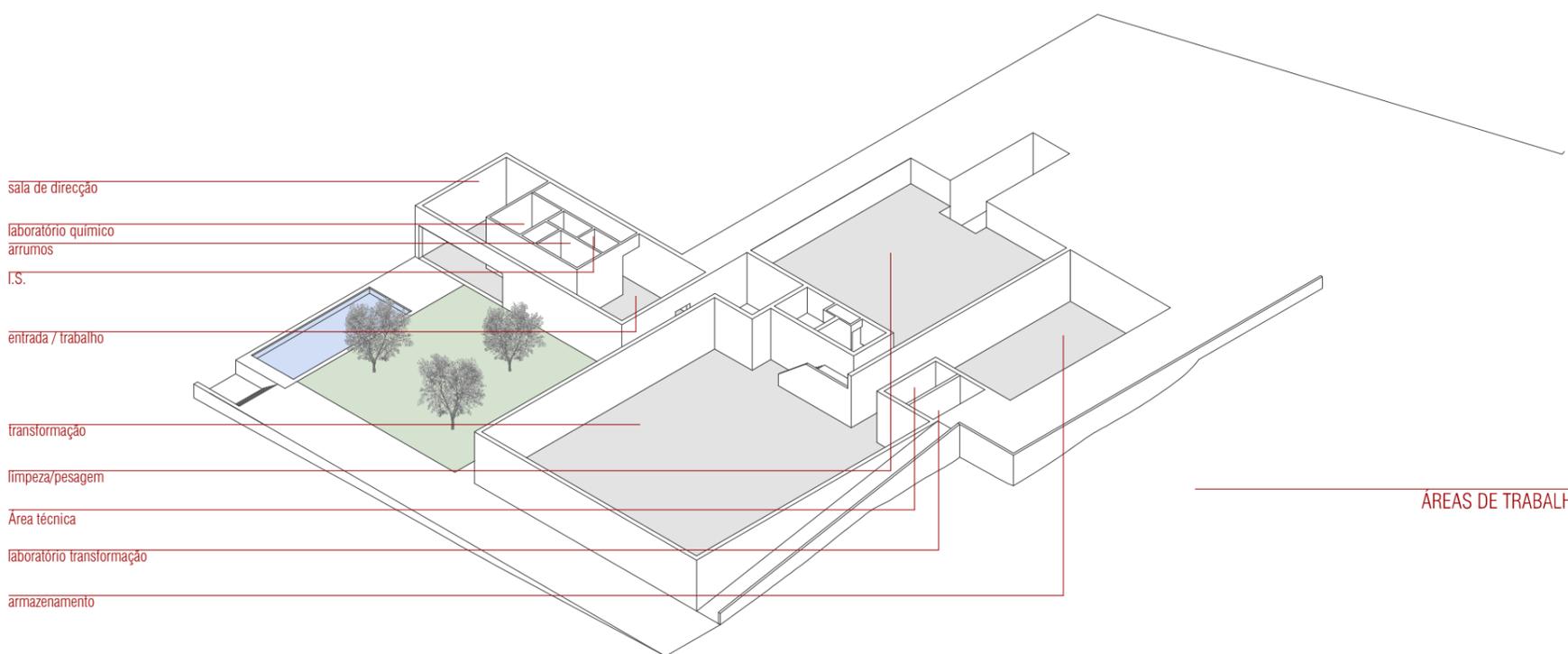
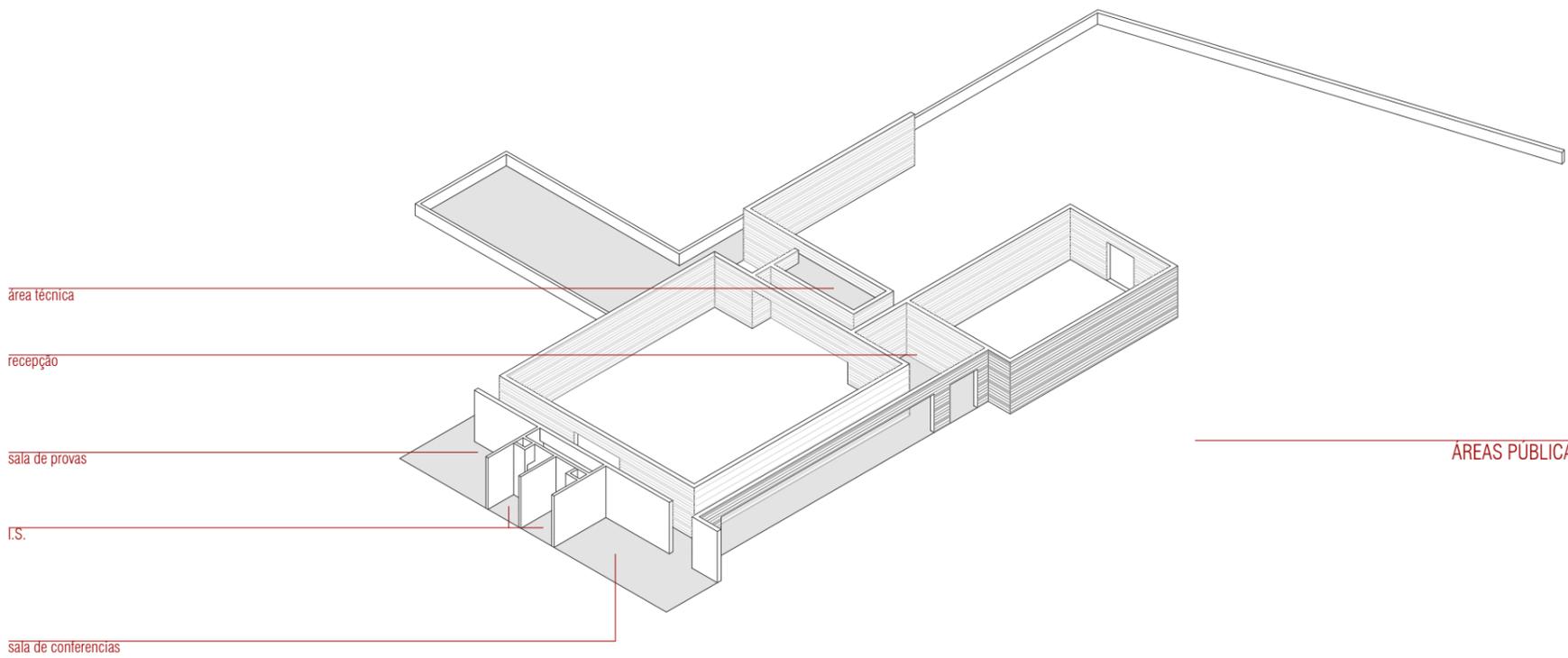
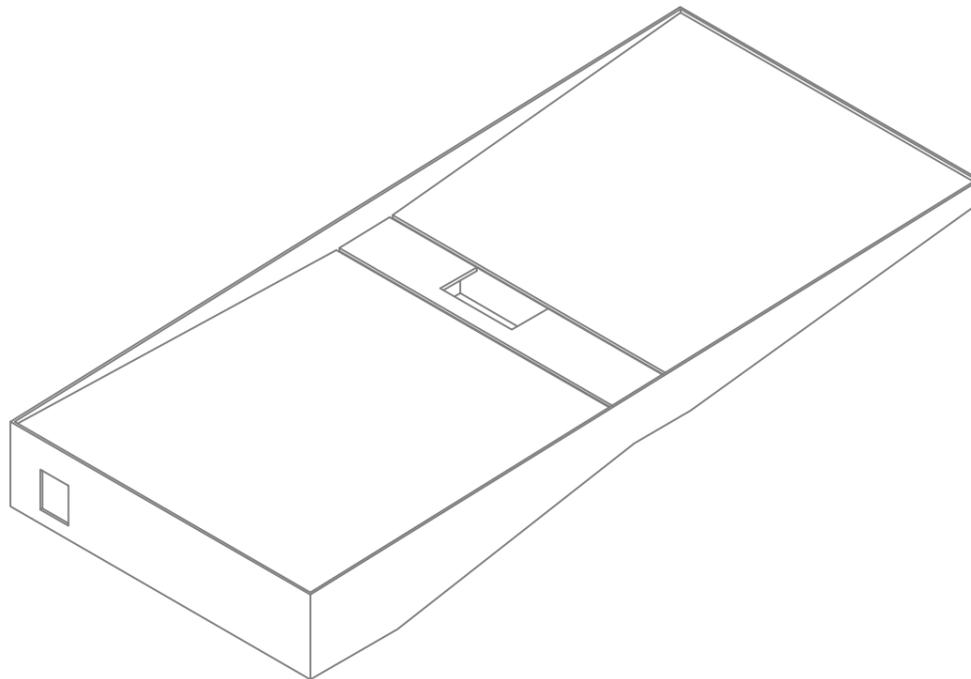
A intervenção começa por desenhar um embasamento em betão, revestido a tijolo pelo exterior, de forma a estabilizar uma plataforma que defina as diferentes áreas de trabalho, que percorre todo o processo de transformação da azeitona, em diferentes cotas abaixo da cota de entrada onde assenta uma estrutura metálica, como uma pele que envolve todo o edifício, e lhe confere alguma leveza.

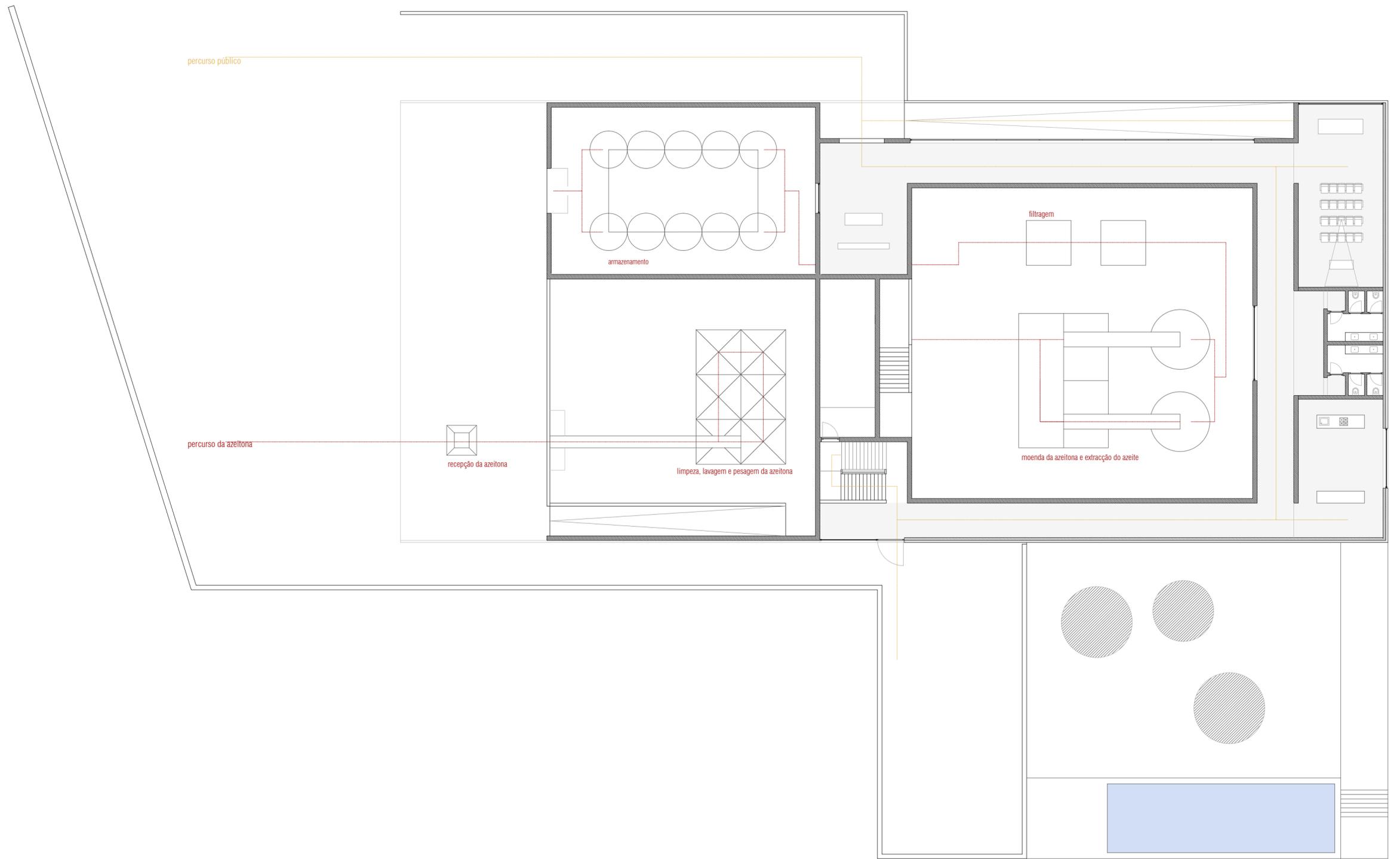
Como forma de promover o conhecimento desta cultura, a proposta desenvolve um percurso público, que contorna todo o circuito de transformação da azeitona, desde a entrada da azeitona no lagar até à fase de armazenamento.

Ao longo do percurso as relações interior exterior são controladas na forma como o edifício se "abre" com a envolvente, e aqui a pele do edifício funciona como um filtro de luz que caracteriza o início deste percurso. No limite sul do edifício, e como parte integrante do percurso, surge a sala de conferências e o grande vão de observação do processo, onde o visitante pode visualizar a "máquina" do lagar, um espaço de carácter fabril caracterizado pela materialidade no seu estado puro, a estrutura de betão de cofragem aparente e as treliças metálicas que desenham esta grande nave industrial.

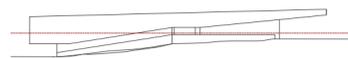
Como forma de pontuar o final do percurso este termina com a sala de provas, que após dar a conhecer o processo de transformação, este espaço "vira costas" ao lagar e abre-se sobre a paisagem numa relação directa com o lago.

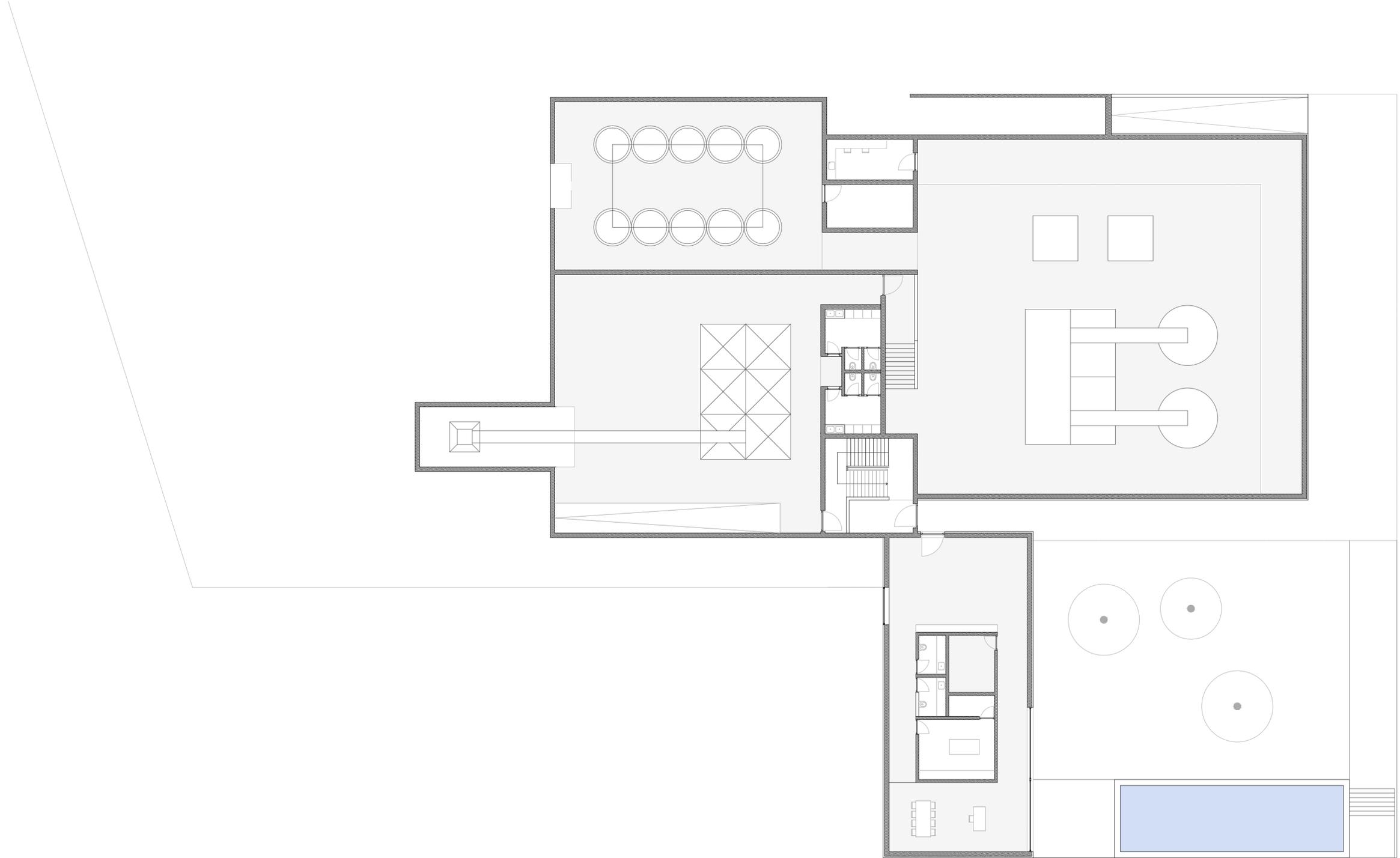
No embasamento, desenvolve-se ainda o volume destinado ao centro de monitorização, que pela sua forma desenha um terreiro rematado por um tanque de água, a uma cota inferior, onde se inicia o percurso que faz a ligação ao ancoradouro, ou se pensarmos que a chegada à herdade é feita pela água este terreiro é o novo espaço de recepção caracterizado pela sombra e pela água com acontece no recinto de chegada ao monte.



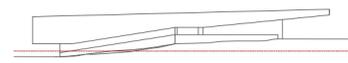


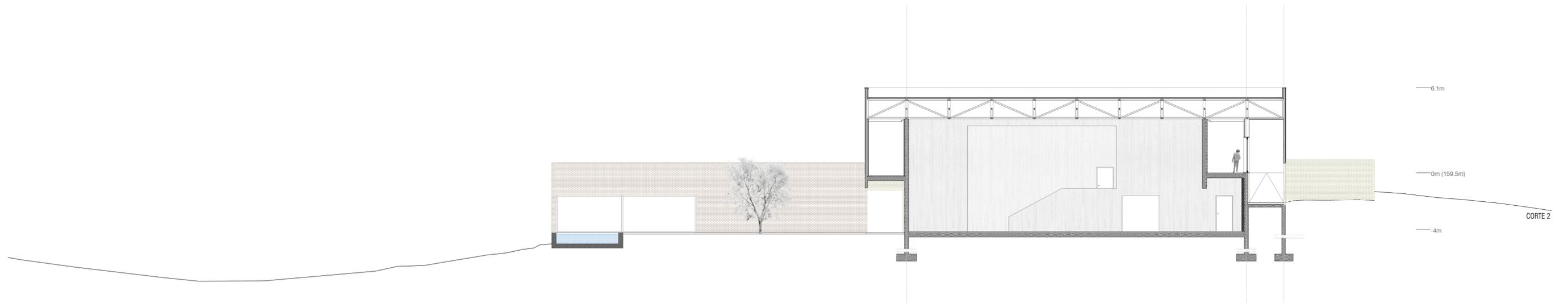
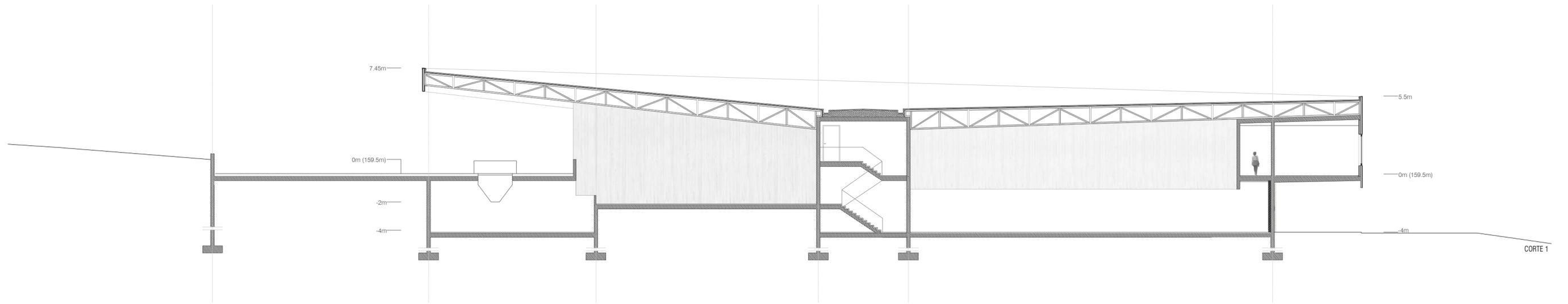
Lagar . planta geral piso 0



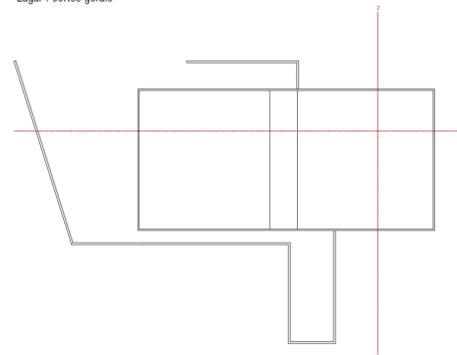


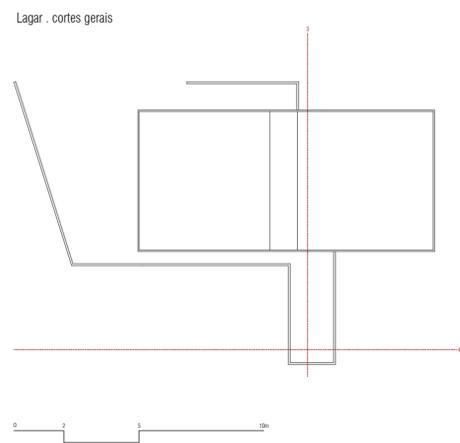
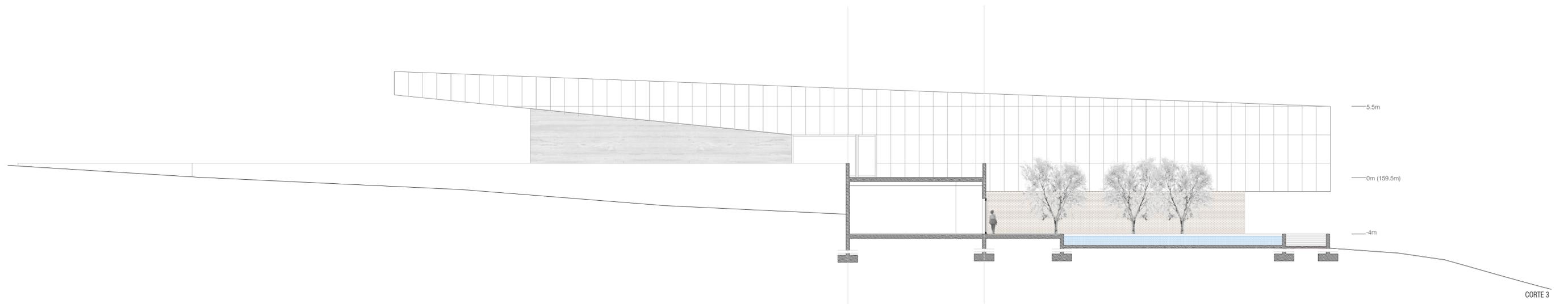
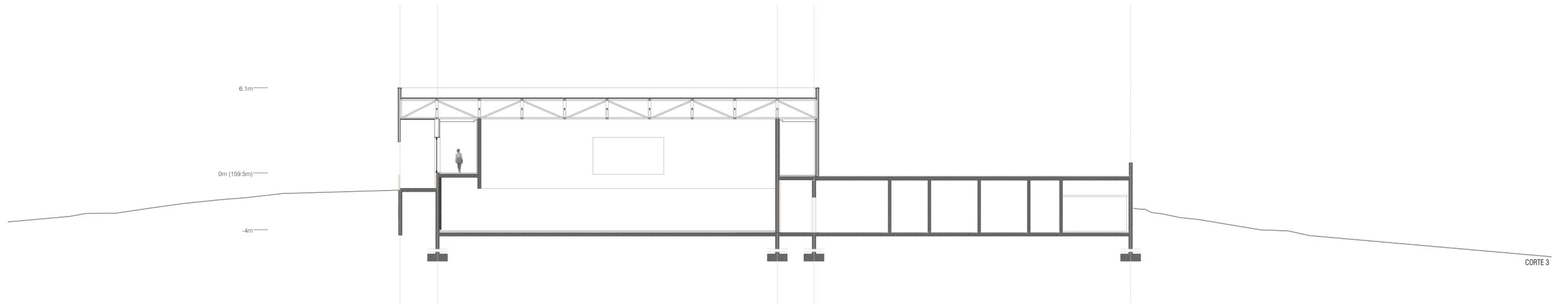
Lagar . planta geral piso -1

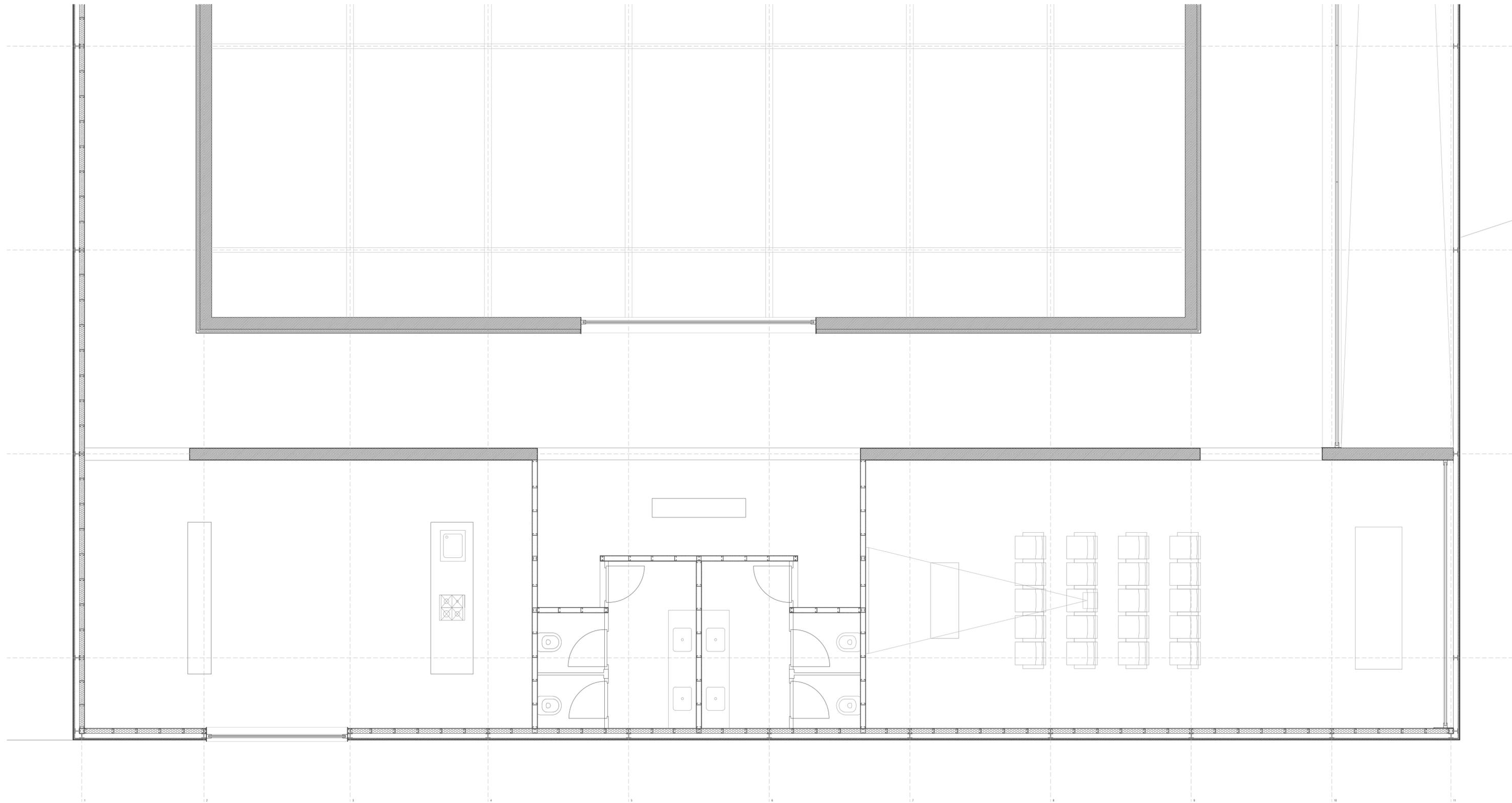




Lagar . cortes gerais

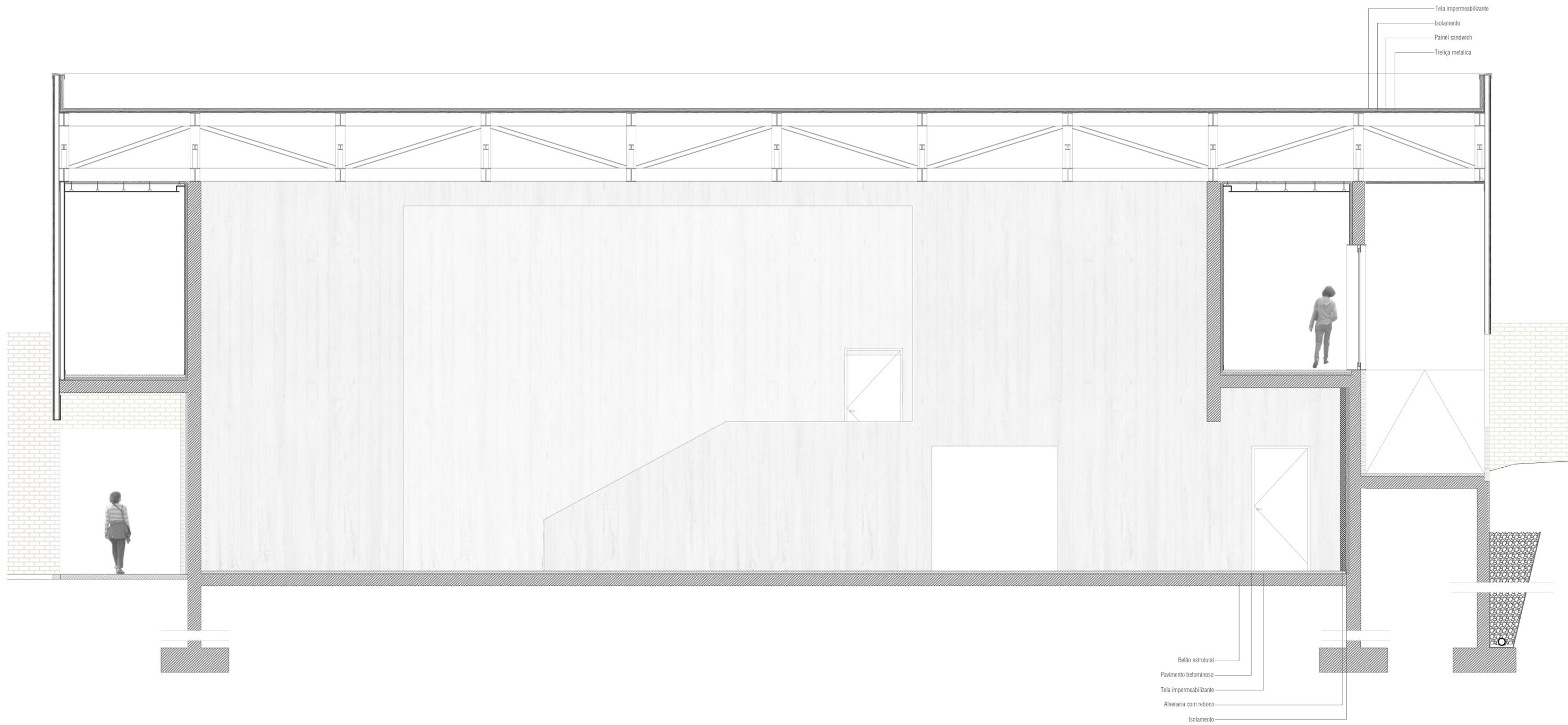






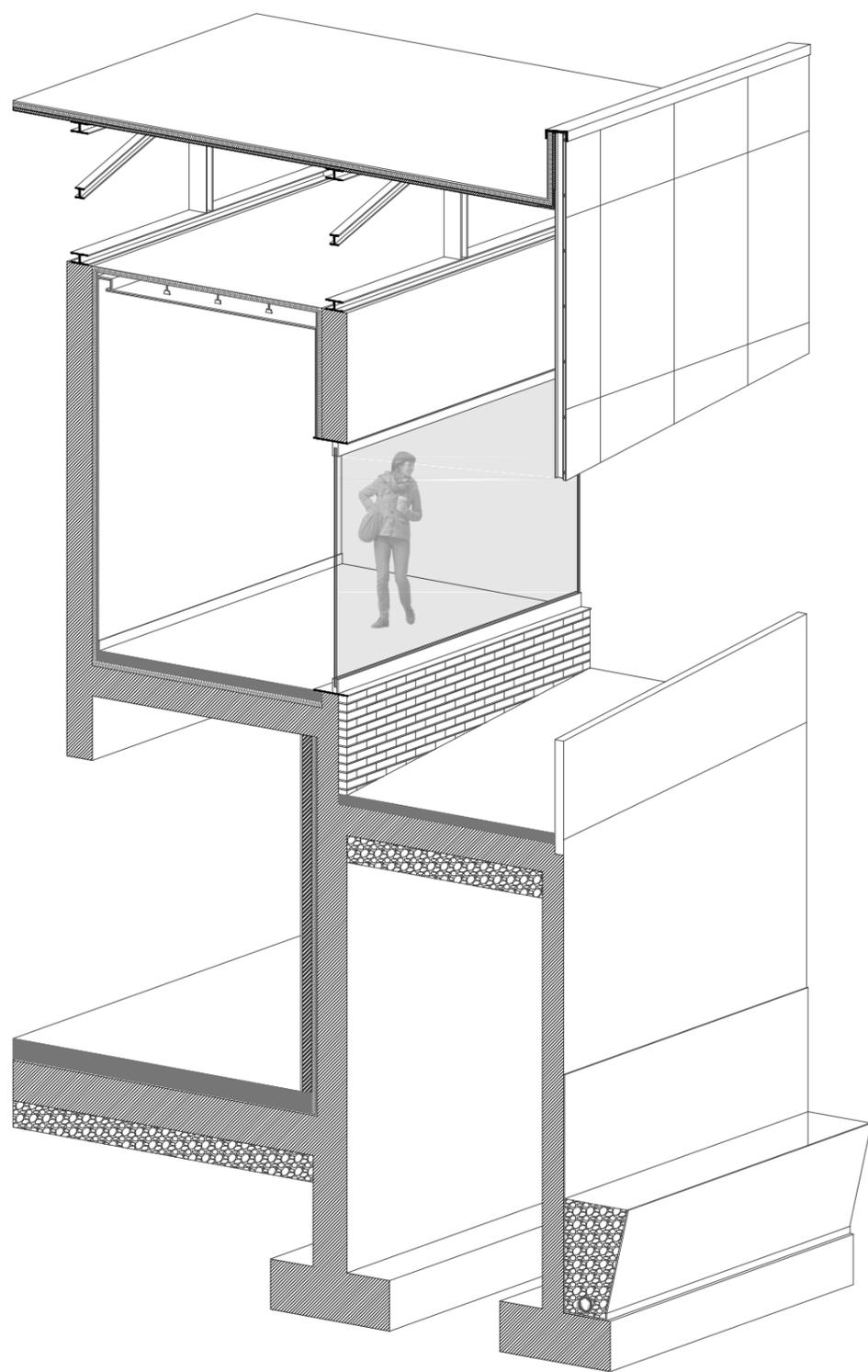
Lagar - planta detalhe construtivo





Lagar . corte detalhe construtivo





Representação sistema construtivo

Ornamento e Pele

No início do século XX, Adolf Loos publicou um manifesto intitulado de “Ornamento e Crime”, onde abordava o tema da decoração das fachadas. Ao tomar o ornamento como crime, Loos pretende nitidamente aliviar o peso do ornamento na arquitectura em prol de uma arquitectura mais “leve”, uma arquitectura depurada reduzindo o seu valor ao objecto por si só. *“Assim a praga decorativa é reconhecida oficialmente e subvencionada com o dinheiro público. Eu vejo nisto, quanto a mim uma regressão. Eu não aceito como válido o argumento segundo o qual o ornamento estimularia o prazer da vida de um indivíduo culto, e nem quando o argumento é dito por estas palavras: “mas e se o ornamento for bonito?” O ornamento não estimula o prazer dos povos cultos.”*¹⁴

Na verdade, Loos não defendia a extinção por completo do ornamento, como muitas vezes foi interpretado, mas sim adequar o ornamento à sua época.

A investigação por parte de Herzog & de Meuron tem sido intensa, sobre as várias possibilidades de relação entre forma e superfície, onde a própria matéria de construção responde à problemática do projecto caracterizando e enriquecendo o espaço.

*“Em muitos projectos chegamos a um ponto onde achamos absolutamente importante e necessário envolver um artista para melhorar o projecto. Este envolvimento não é para decoração, ou para acrescentar uma peça que tornaria o projecto mais agradável. Nós queremos mais que colaboração, queremos o artista como parte integrante da equipa.”*¹⁵

A arquitectura de H. & de M. surge como uma resposta à necessidade de alterar a “pobreza” das fachadas, potencializando a forma com novas superfícies ou texturas. Os efeitos sensoriais conseguidos por meio do tratamento dos materiais são o ponto de partida de projecto, onde procuram dar um novo e mais profundo significado à arquitectura. À partida a primeira reacção aos seus edifícios, parece ser uma sensação de estranheza e inquietação, e tais sensações são provocadas pela maneira como tratam os materiais. Apesar de aparentemente desobedecerem a concepção tradicional que temos dos materiais, H. & de M. parecem não contradizer as lições de Loos, visto que trabalham intrinsecamente com os materiais.

Podemos dizer que é a partir do material que a arquitectura é pensada, o resultado de diferentes experiências só terá o efeito pretendido se o material se contextualizar com o fundamento do projecto. Assim os projectos destes arquitectos destacam-se pela compreensão da relação entre matéria e as características do lugar, onde a pele do edifício ganha o seu próprio desenho e intencionalidade contribuindo para um novo conceito estético e sensorial do ornamento.

Esta ideia de “vestir o edifício” ou o desenhar da pele do edifício, confronta-se sempre com o lugar

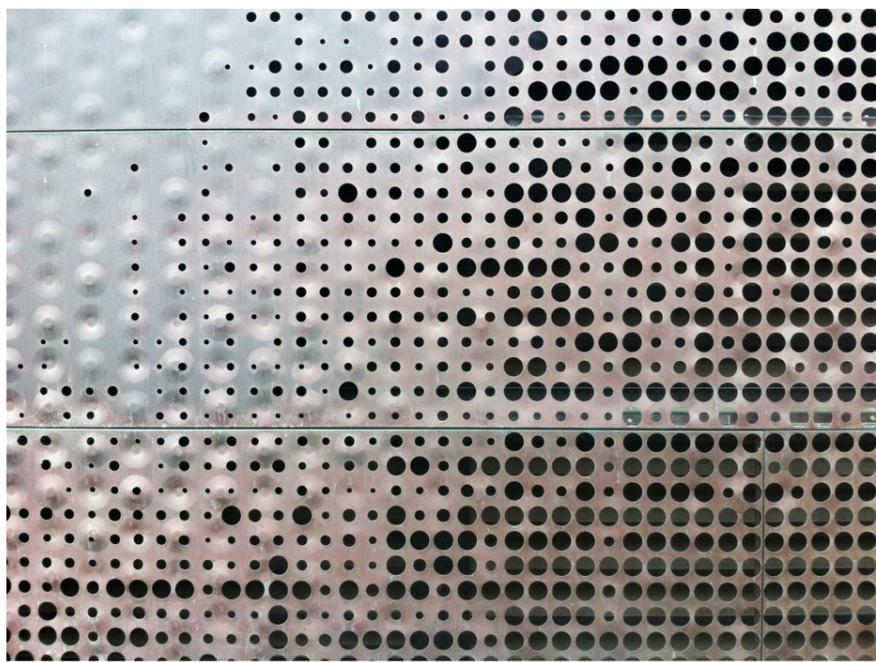
onde este é implantado, podemos pensar que cada lugar tem uma história para contar, e se não for ouvida será uma arquitectura desprovida de significado e intencionalidade, um simples objecto ali colocado.

A intencionalidade de H. & de M. na procura de novos materiais, para introduzir na construção faz com que a pele do edifício, ganhe uma identidade, ao contrário de muitas outras obras, resultando em várias modificações da matéria das superfícies, de interferências de processos químicos, mecânicos ou mesmo biológicos, conforme a incidência da luz ou alterações ambientais, dando vida ao objecto.

Outro tema das suas obras incide na relação interior-exterior onde a matéria cria os próprios espaços de projecto num gesto onde a especificidade arquitectónica é o resultado da intensidade da matéria e da forma que determinam a atmosfera do objecto. Peter Zumthor é também um arquitecto que explora a textura da matéria para valorizar e caracterizar o espaço construído, visível, por exemplo, no edifício Kunsthhaus museum.

¹⁴ _Adolph Loos, *Ornamento e Crime*

¹⁵ _Herzog & de Meuron, *Collaborations with artists*

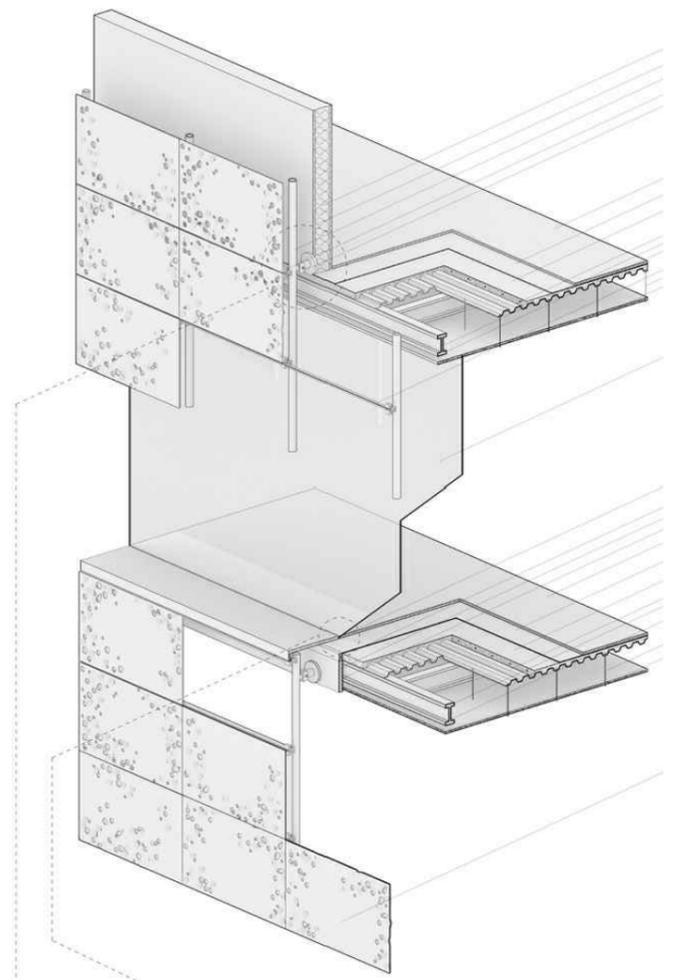


46 . painel cobre perfurado . Young Museum



47 . Torre young museum, Herzog & de Meuron

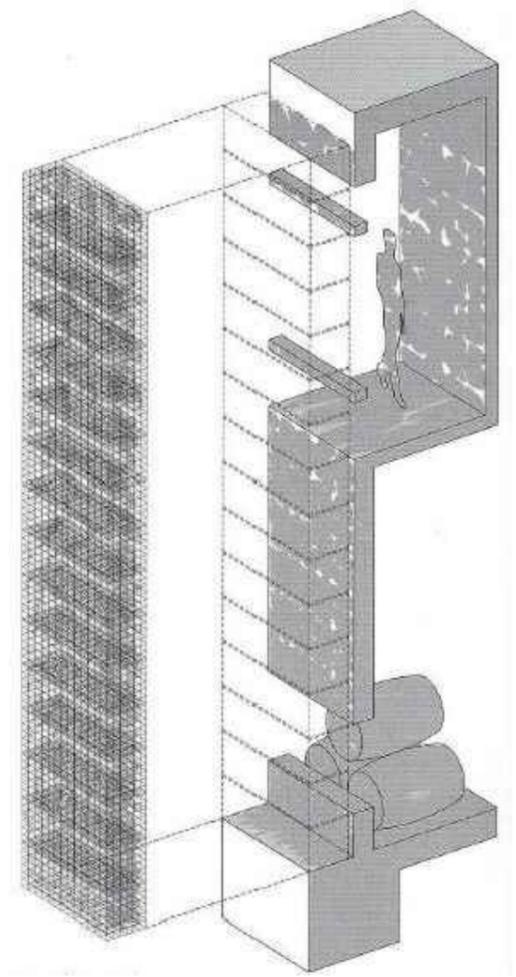
48 . Detalhe construtivo young museum, Herzog & de Meuron





49 . Domus winery, Herzog & de Meuron

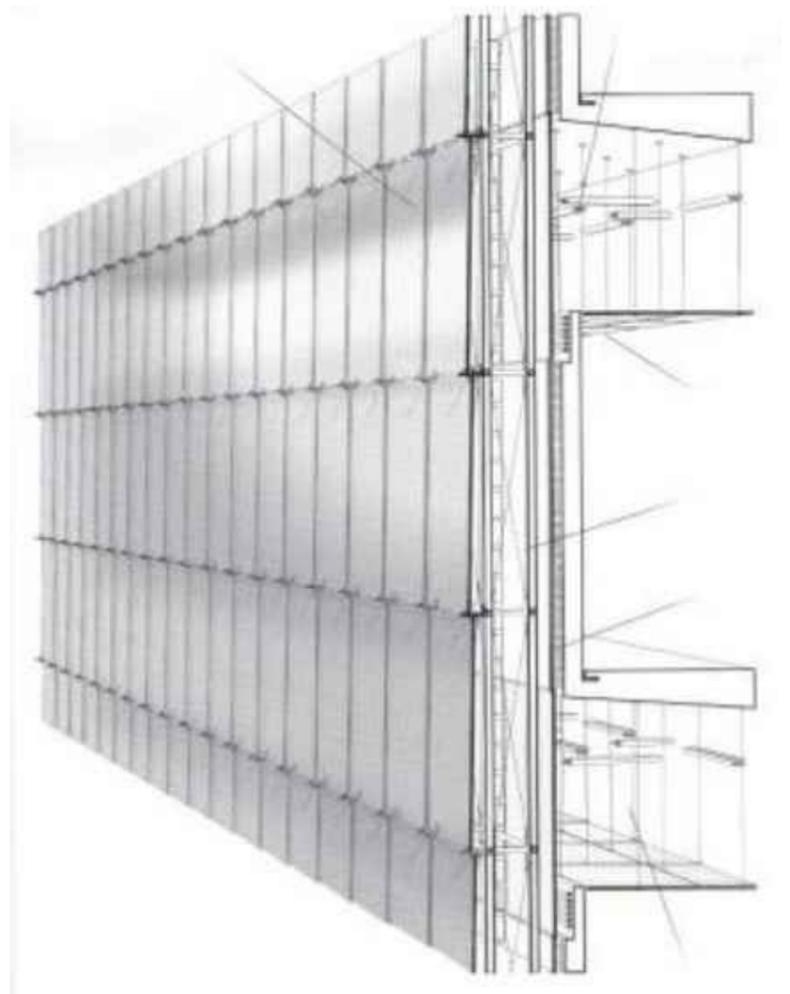
50 . Detalhe construtivo domus winery, Herzog & de Meuron





51 . Kunsthhaus museum, Peter Zumthor

52 . Detalhe construtivo kunsthhaus museum, Peter Zumthor





53 . Prefabricated Nature, MYCC

54 . Prefabricated Nature, MYCC



A pele do edifício

Através do estudo da temática da pele do edifício, ou seja, a matéria gerar espaços. A ideia do projecto surge, após uma investigação do lugar, do conceito de caixa dentro de caixa, onde se propõe uma estrutura interior que desenha os espaços e uma pele exterior que envolve todo o programa do objecto arquitectónico.

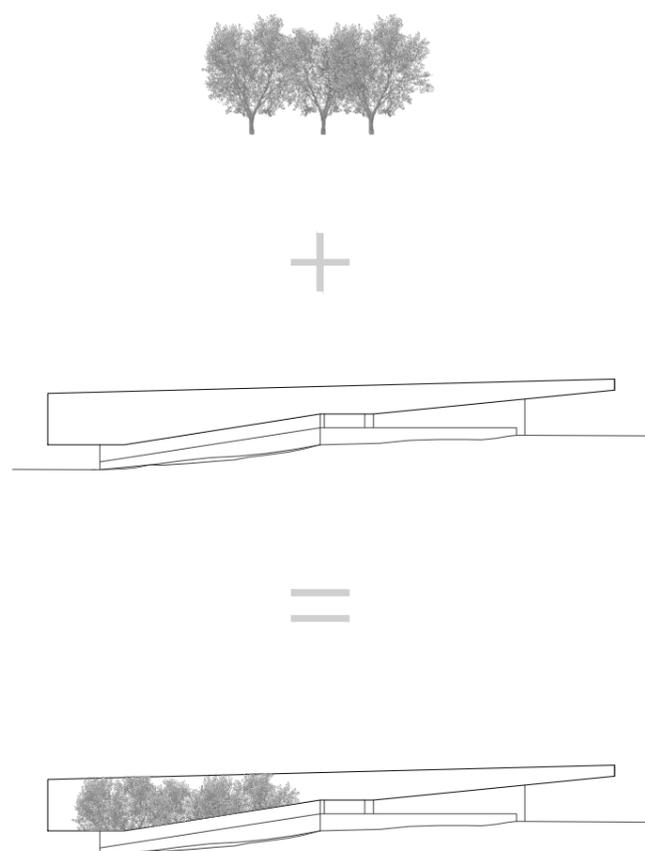
A influência do material na forma como é aplicado remete para uma imagem de natural, muito ligado à envolvente, onde o gesto simples da forma aliado à função fundem-se atribuindo importância à percepção sensorial do material.

O desenho da perfuração dos painéis de cobre baseia-se no tema do olival, de forma a que as copas das oliveiras do local transpareçam na própria fachada do edifício, como se a paisagem envolvente se apropria-se do edifício.

A exploração deste material e as suas possibilidades está relacionada com o conceito de luz sombra através da transparência e da opacidade. Esta perfuração remete para a folhagem das árvores, de uma forma abstracta, como um filtro de luz, criando ambiências distintas ao longo do espaço interior.

A matéria utilizada neste revestimento foi escolhida pela forma dinâmica de mutação da cor e textura, através da oxidação do cobre com o tempo, um material sensível ao meio ambiente mas capaz de contrariar o carácter inerte, expressando o factor de mudança da natureza. Iniciando o processo com o tom de terra vai alterando continuamente com as alterações da luz e da sombra até assumir a patina verde final que se forma na superfície do cobre, fundindo-se com o verde do extenso olival da herdade.

Esta proposta pretende relacionar a tectónica com as percepções sensoriais, de forma a utilizar a matéria não só como um elemento construtivo mas também com um carácter simbólico associado ao contexto do projecto.



Esquema de conceito



oxidação



55



56

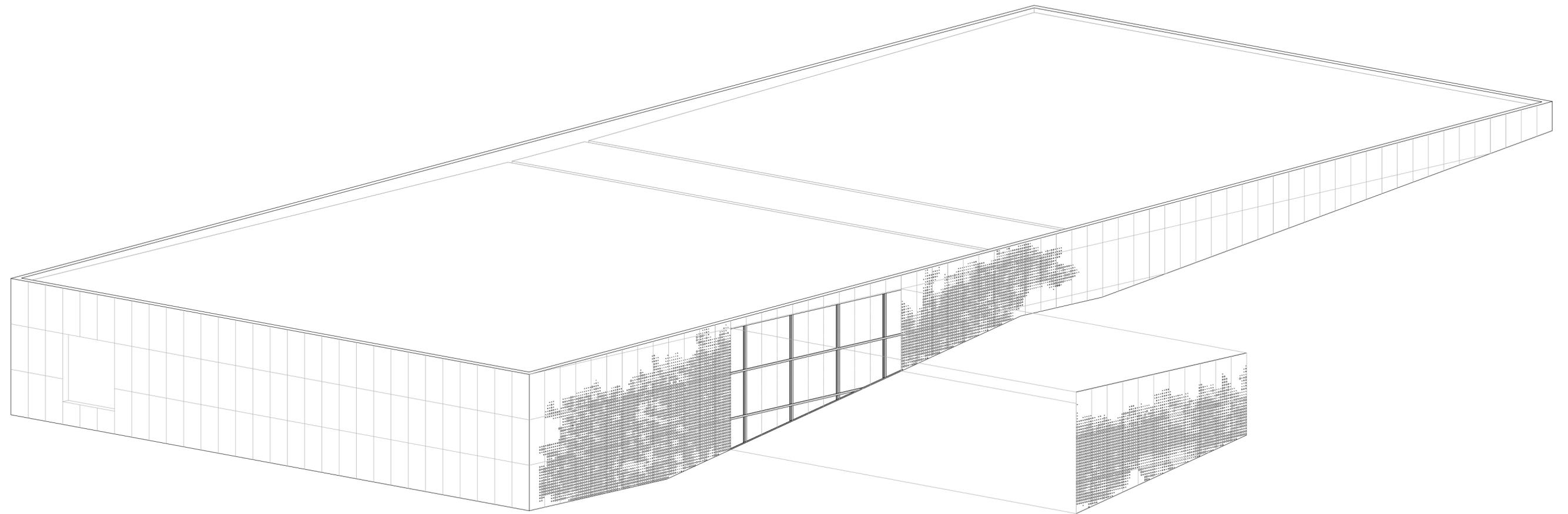


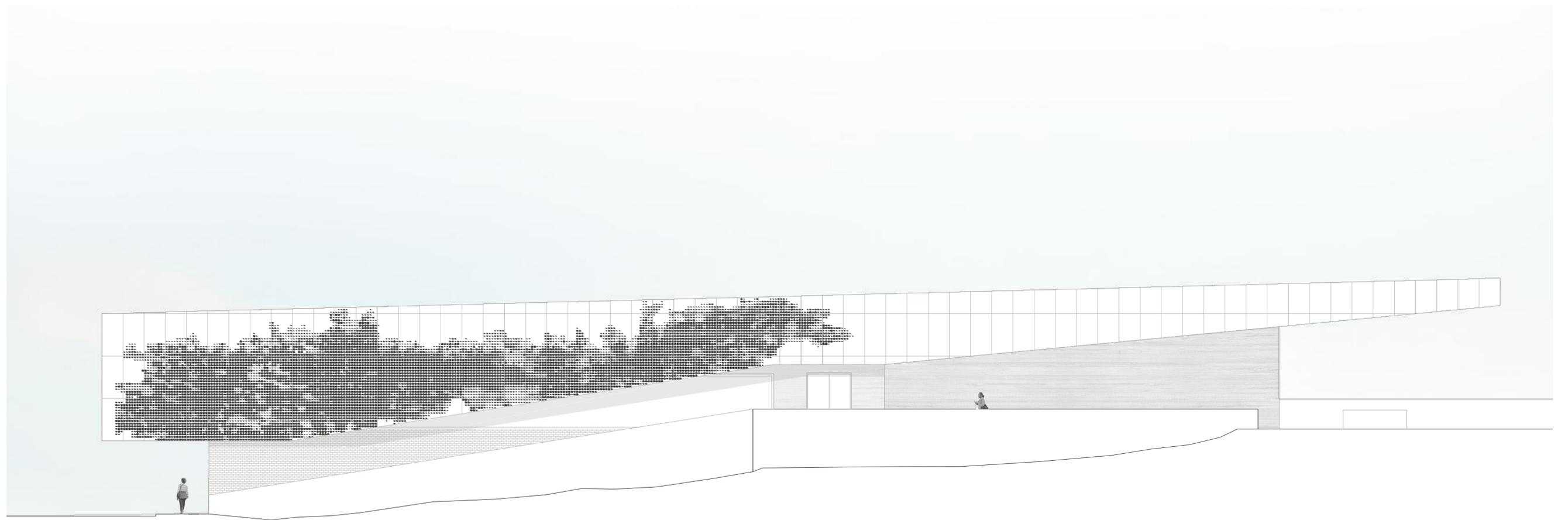
57



58

experiências perfuração





Alçado furção de painéis



Atmosferas . relação interior exterior

"Há qualquer coisa de especial na arquitectura que me fascina e de que gosto muito. A tensão entre o interior e exterior. Na arquitectura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico. E isto implica outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre interior e exterior, uma

sensibilidade incrível para o lugar; uma sensibilidade incrível para a concentração repentina, quando este invólucro está de repente à nossa volta e nos reúne e segura, quer sejamos muitos ou apenas uma pessoa."

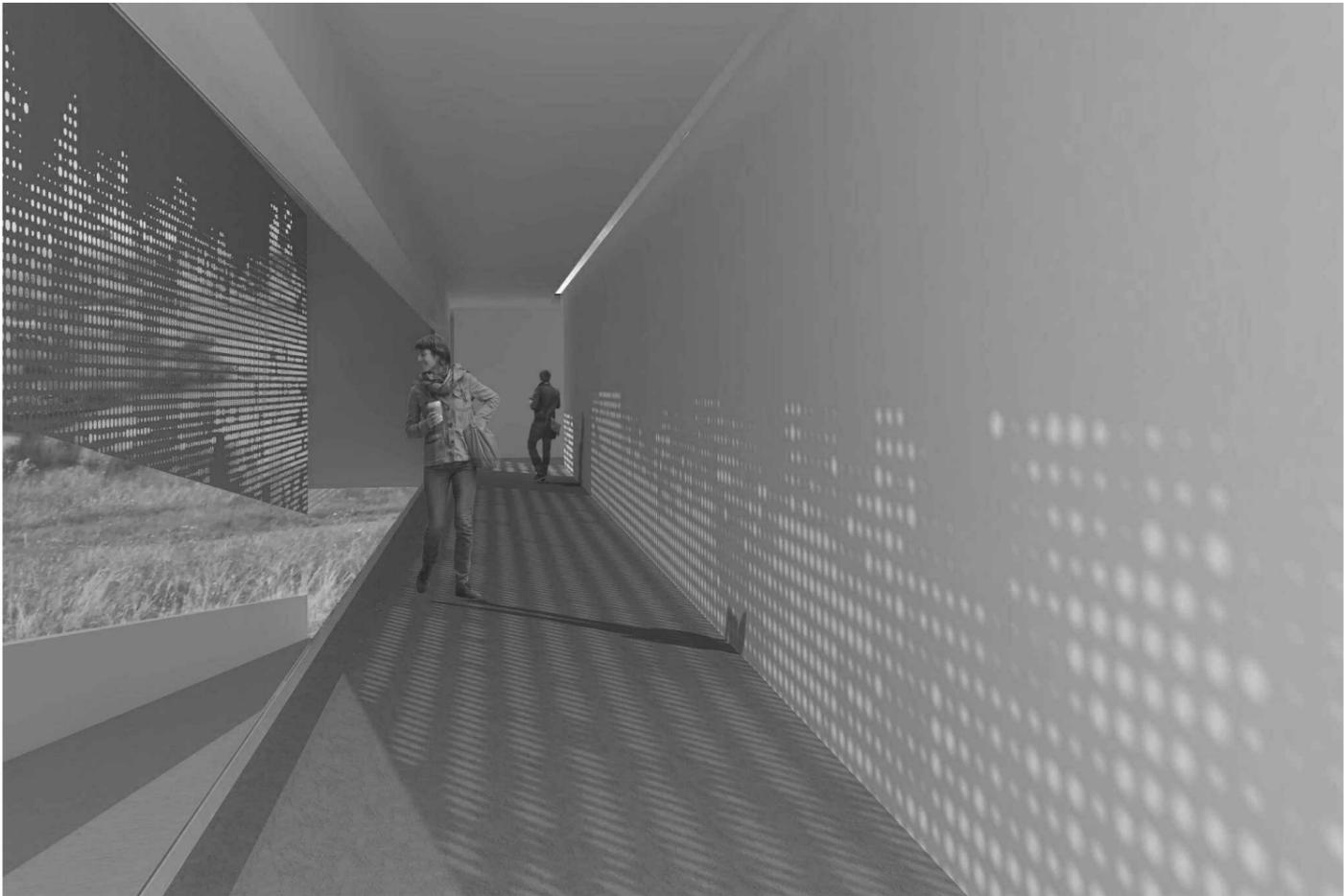
Peter Zumthor, Atmosferas

Na diferença entre interior e exterior interessa-nos entender o que é este limite, se é que podemos dizer que existe um limite. Em algumas situações esse limite tem de ser marcado e vincado, mas também há situações em que o exterior "invade" o interior, como tal, neste trabalho não se pretende anular a separação espacial, do estar dentro e estar fora, mas sim desenhar esse limite de forma contínua estabelecendo um diálogo entre interior e exterior, onde a estética e a matéria contribuem numa relação sensorial para quem o habita.

Devido ao programa que recebe, na maioria dos espaços, a relação com o exterior do edifício não é evidente pelo que existe um controlo no desenho dos alçados de forma a potenciar o carácter de interioridade.

Assim, pelo percurso público que se estende por todo o programa, o grande vão que se abre, não se abre directamente para o exterior, o revestimento do edifício funciona como uma pele, onde se assume a permeabilidade, e funciona como um filtro, para quem o percorre. um limite físico, mas não visual, ver imagem 59.

Por sua vez a sala de provas, o terminar do percurso explicativo e expositivo do tema da transformação da azeitona, contraria os espaços anteriores, e pretende-se uma relação directa com a envolvente, a partir de um vão que se abre sobre o Alqueva, ver imagem 60.



59 . fotomontagem percurso



60 . fotomontagem sala de provas



61 . fotomontagem terreno

O ancoradouro

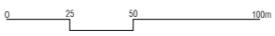
O ancoradouro, um elemento que até há uns anos seria um elemento estranho relacionado à paisagem do Alentejo Central, hoje não o é e se pensarmos na nova realidade deste território, o lago do Alqueva, este elemento pode ser a ponte entre núcleos urbanos e até algumas habitações.

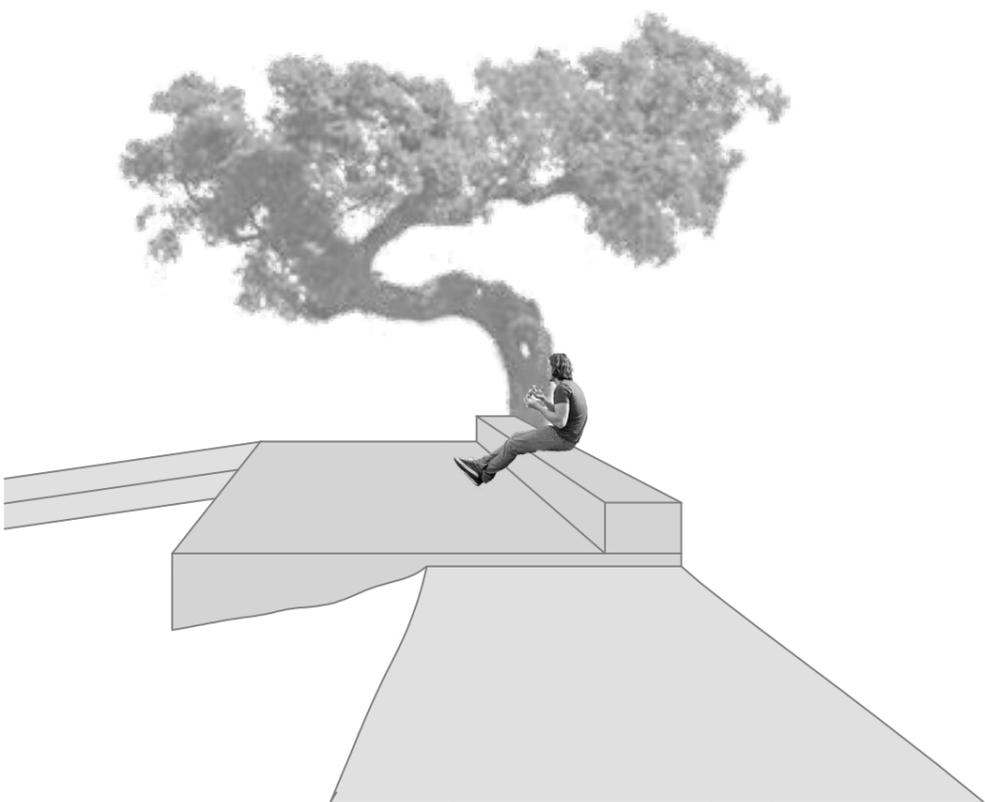
Com o desenvolvimento das actividades ligadas ao lago, a via fluvial tem ganho importância, por enquanto ainda muito ligado ao turismo, mas esta poderá ser no futuro, uma forma de deslocação. Como tal, o desenho de um ancoradouro na Herdade da Cerejeira e Benjoim, ganha importância na difusão desta cultura e na nova forma de se chegar à herdade, como referido anteriormente na caracterização do lugar.

Este elemento vem pontuar o percurso pré-existente que se estabelece pela margem a partir do lagar, potenciando as qualidades físicas e paisagistas do lugar. Devido à morfologia do lago neste local, a escolha da implantação do ancoradouro prende-se com a profundidade do lago nos períodos de cota mínima, daí este afastar-se do lagar. Não se pretende que seja considerado uma construção, mas sim uma intervenção na paisagem, um espaço de estadia e de observação que valoriza as relações sensoriais com o lugar..



62 . Fotomontagem lago do alqueva





63 . fotomontagem ancoradouro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o processo de investigação para realizar este trabalho houve uma questão que se levantou desde início, "o que é intervir na paisagem?", uma questão que para a qual não existe uma resposta concreta, uma vez que é algo que está em constante mutação.

Assim a presente investigação é uma possível resposta a um exercício de projecto para um local particular, onde o principal trabalho arquitectónico é reflectir sobre um território num longo processo de transformação marcado por um passado, pensando num futuro ao qual se lançam hipóteses sobre o que será intervir. Falamos da memória de um território e de uma paisagem.

Independentemente do objecto final, o reactivar de uma unidade produtiva de olival, e neste caso enraizada na nossa cultura, pressupõe uma série de elementos que valorizam a integração no meio, sendo por isso importante que a intervenção permita dar continuidade ao existente numa sobreposição de camadas de história que reflectem uma evolução onde a manutenção da memória constitui o aspecto mais importante a alcançar.

O crescente interesse que a paisagem tem recebido por parte da arquitectura permite valorizar um património identitário do nosso país, permitindo introduzir novos conceitos de construir relacionando o lugar e a função.

O exercício de projecto pressupõe um raciocínio e o lugar, a matéria e o tempo foram os elementos adoptados como estratégia de pensamento arquitectónico de forma a construir uma hipótese de intervenção que responda ao programa enunciado relacionado directamente com a paisagem.

Ao compreender a estrutura da herdade e a importância da implantação das pré-existências, a implantação do novo elemento, o lagar, tornou-se um desafio. Implantar próximo do monte foi uma hipótese primária. Mas um objecto que envolve um programa complexo e que pretende responder a uma inexistência no processo de transformação da azeitona, na herdade e envolvente, começa a ganhar uma escala que ao implantar-se junto da casa, entraria em confronto retirando protagonismo ao que se pretende manter intacto e se intervém de forma tão sensível. O lagar ao afastar-se do monte pretende definir uma nova identidade, relacionando-se com esta nova realidade, o lago.

Considerando a arquitectura popular desta região, relacionou-se o programa existente às novas necessidades, respeitando a estrutura existente característica da cultura do olival. Ao introduzir-se novas funções pretende-se que esta passe de um apoio ao olival a parte integrante do processo de produção a transformação.

Ao analisar-se o património construído da casa rural, construções de sucessivas adições e subtracções resultando das necessidades programáticas, tentou-se que as novas adições se conjugassem com as

existentes, utilizando novos materiais ou os mesmos mas com diferentes métodos de aplicação, de forma a não comprometer a identidade desta construção.

A integração de novos materiais foi um aspecto importante no desenho do lagar. Capaz de definir os diferentes espaços públicos e privados onde a matéria gera diferentes atmosferas relacionando o espaço à função.

Este edifício estabelece uma forte relação com o lugar na medida que se encaixa na topografia, redesenhando-a e se estabelece em harmonia com a paisagem como um elemento "vivo", marcando a passagem do tempo no seu corpo, através das mutações da materialidade da pele do edifício.

Concluindo, o reactivar de uma unidade, como o próprio conceito indica, consistiu em intervir sobre uma estrutura pré-existente conferindo-lhe novos usos e funções de forma a responder a um novo programa reajustado às novas necessidades da actualidade.

Num paralelismo entre a herdade e a paisagem em que se insere, as marcas de um passado devem manter-se, como referências à memória, assinalando a passagem do tempo, de uma cultura e de um povo, e os novos elementos devem assumir-se como tal, desenvolvendo uma nova linguagem capaz de estabelecer um diálogo entre o "velho e o novo" na preservação da identidade do lugar.

Reactivar estas unidades é uma forma de lhes conferir valor e por consequência evitar a descaracterização da paisagem com a perda do seu património cultural e arquitectónico.

Esta reflexão permitiu através de uma abordagem crítica e sensível definir uma linha de pensamento capaz de responder aos novos usos, integrando novos materiais e técnicas construtivas contemporâneas, aledos a novas tecnologias, procurando uma continuidade com a essência destas construções relacionando-o directamente com o lugar.

ÍNDICE DE IMAGENS

01. Fotografia - Reinaldo Espanhol . www.panoramio.com
02. Fotografia - João Martins
03. Fotografia - Miguel Proença . www.miguel-proença.com
04. Fotografia - Miguel Proença . www.miguel-proença.com
05. Fotografia - Miguel Proença . www.miguel-proença.com
06. Fotografia - Miguel Proença . www.miguel-proença.com
07. Ortofotomapa - João Martins . imagem original www.flora-on.pt
08. Ortofotomapa - Alunos disciplina Projecto Avançado III . imagem original www.bing.com/maps
09. Fotografia - SALDANHA, José L. P. - *Azeites e Olivais no Alentejo. «Montes» com Lagar na Província Transtagana*. 1ªed. Lisboa: Edição própria. 2003
10. Gravura - www.lifeinitaly.com
11. Fotografia - www.greek-oliveoil.net
12. Gravura - www.hellenicgroves.gr
13. Pintura - *Women picking olives* . Van Gogh
14. Gravura - www.bioesti.com
15. Pintura - *Allegory of Good Government in the Country* . Ambrogio Lorenzetti
16. Fotografia - www.casantojorge.com
17. Ortofotomapa - João Martins . imagem original www.bing.com/maps
18. Fotografia - SALDANHA, José L. P. - *Azeites e Olivais no Alentejo. «Montes» com Lagar na Província Transtagana*. 1ªed. Lisboa: Edição própria. 2003
19. Ortofotomapa - João Martins . imagem original www.bing.com/maps
20. Fotografia - SALDANHA, José L. P. - *Azeites e Olivais no Alentejo. «Montes» com Lagar na Província Transtagana*. 1ªed. Lisboa: Edição própria. 2003
21. Fotografia - Luis Amaral
22. Esquema - sem referência
23. Fotografia - F. Meijas . www.panoramio.com
24. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
25. Ortofotomapa - João Martins . imagem original www.bing.com/maps
26. Planta - Ricardo Bak Gordon . www.bakgordon.com
27. Planta - Ricardo Bak Gordon . www.bakgordon.com
28. Fotografia - J. Carvalho . www.wallpaper.com
29. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
30. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
31. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
32. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
33. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
34. Planta - www.dgterritorio.pt
35. Fotografia - Luís Amaral
36. Fotografia - João Martins
37. Fotografia - João Martins
38. Fotografia - João Martins
39. Fotografia - João Martins
40. Fotografia - João Martins
41. Fotografia - João Martins
42. Fotografia - João Martins
43. Fotografia - João Martins
44. Fotografia - João Martins
45. Fotomontagem - João Martins . Fotografia original João Martins
46. Fotografia - John Wahler . www.arch2o.com
47. Fotografia - Broken Sphere . www.archinform.net
48. Detalhe - Courtney Krause and Maggie Hummel . www.cargocollective.com/courtneykrause
49. Fotografia - Steven Rotniel . www.ft.com
50. Detalhe - Sem referência
51. Fotografia - www.kunsthau-bregenz.at
52. Detalhe - Sem referência
53. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
54. Fotografia - Fernando Guerra . www.ultimasreportagens.com
55. Fotografia - Anton whittle . www.365brac.wordpress.com
56. Fotografia - João Martins . Fotografia original Anton whittle
57. Fotografia - João Martins . Fotografia original Anton whittle
58. Fotografia - João Martins . Fotografia original Anton whittle
59. Fotomontagem - João Martins
60. Fotomontagem - João Martins
61. Fotomontagem - João Martins
62. Fotomontagem - João Martins . Fotografia original Catarina Sampaio
63. Fotomontagem - João Martins . Fotografia original Catarina Sampaio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MONOGRAFIAS:

ACHERMAN, James S. - *Art and Architecture*. Chinati Foundation, Texas, 2000.

Arquitetura Popular em Portugal. 4º ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

BOHM, Jorge - *O grande livro da oliveira e do azeite. Portugal Oleícola*. Lisboa: Dinalivro editora, 2013.

CABRAL, Francisco Caldeira, Telles, Gonçalo Ribeiro, *A Árvore em Portugal*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2005.

CARVALHO, Ricardo, SERGINSON, Jonathan - *Revista 2G nº64 Bak Gordo*, Editorial Gustavo Gil, 2013

CARY, Francisco Caldeira, *Paisagem e Agricultura, in Paisagem*, Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 1994, p.47 a 65.

D'ABREU, Alexandre Cancela; CORREIA Teresa Pinto; OLIVEIRA Rosário - *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental*. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004. Vol. I

D'ABREU, Alexandre Cancela; CORREIA Teresa Pinto; OLIVEIRA Rosário - *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental*. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004. Vol. II

EDIA - *Projecto de reconversão do olival. 2º fase do projecto de emparcelamento dos coutos de Moura*. EDIA. 2011

Escrita na paisagem, Coleção B, 2005 – Encontros – debate com moderação de Marisa Graça, António Pinto Ribeiro, Aurora Carapinha, João Gomes da Silva e João Luís Carrilho da Graça

FERREIRA, David J. B. - *O olival em modo de produção biológico*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia. 2010. Tese de mestrado

LEATHERBARROW, David, MOSTAFAVI, Mohsen – *Surface Architecture* - MIT Press, 2005

MACK, Gerhard - *Herzog & de Meuron 1992-1996: The Complete Works* - Birkhäuser, 2001, vol.3

MEDEIROS, Carlos A. - *Geografia de Portugal – Ambiente Natural e Ocupação Humana – Uma Introdução*, Lisboa, Editorial Estampa, 2006

MESTRE, Victor - O Monte Alentejano, uma identidade de raízes ancestrais. Contributos para o seu conhecimento e permanência. In *Olhar o Monte Alentejano a pretexto do Alqueva*. Coleção Museu da Luz, 2007. Vol III

MESTRE, Victor - A Arquitectura Popular Alentejana: "A Civilização do Barro". *Arquitetura e Construção*. Lisboa. Nº14, (2001), pp80-86.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *Arquitetura tradicional portuguesa*. 5º ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo o Atlântico*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1993.

SALDANHA, José L. P. - *Azeites e Olivais no Alentejo. «Montes» com Lagar na Província Transtagana*. 1ºed. Lisboa: Edição própria. 2003.

SARAMAGO, José, *Palavras para uma cidade, in Caderno*, Lisboa, Fundação José Saramago e Editorial Caminho, 2009

URSPRUNG, Philip, – *Herzog & de Meuron, Natural History* - Lars Müller Publishers, 2005

ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas*, Barcelona, Editorial Gustavo Gil, 2009

ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitectura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gil, 2009

ARTIGOS:

ALVES, Teresa - *Paisagem - Em busca do lugar perdido*. Revista Finisterra nº72, vol. XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001 p. 67 a 74.

ARANHA, Maria do Rosário, CHAVES, Luís - *O que é a Paisagem?, entrevista a Gonçalo Ribeiro Telles*. Jornal Pessoas e lugares nº16, Lisboa, Janeiro/Fevereiro 2004, p. 4 e 5.

GASPAR, Jorge - *O Retorno da Paisagem à Geografia*. Revista Finisterra nº72, vol. XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001 p. 83 a 99.

RIBEIRO, Orlando - *Paisagens, Regiões e Organização do Espaço*. Revista Finisterra nº72, vol. XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001 p. 27 a 35.

SALGUEIRO, Teresa Barata - *Paisagem e Geografia*. Revista Finisterra nº72, vol. XXXVI, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2001 p. 37 a 53.

PEDRO, Marta - *Land Arch Construir Paisagem*. Revista NU nº2 - Lugares, Coimbra, Maio de 2002 p. 4 a 7

WEBSITES DE APOIO:

www.flora-on.pt

www.internationaloliveoil.org

www.ine.pt

www.miguelproença.com

www.oliviculturadeprecision.com

www.azahner.com

